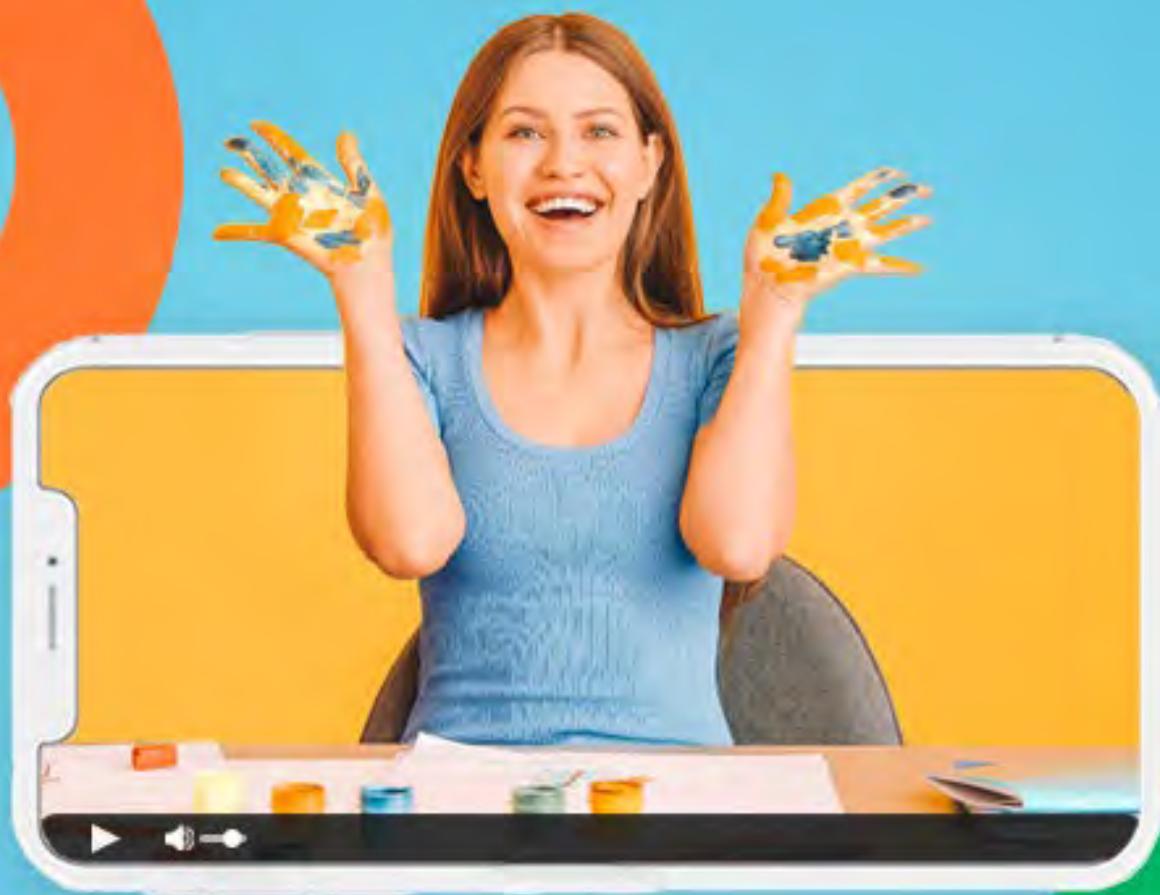


Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação



Como ensinar on-line para os pequenos?

Especialistas auxiliam no processo de aprendizagem dos alunos. Reunimos dicas e ouvimos escolas que se adaptaram com sucesso a essa nova realidade



APP AI
A O V I V O

• AO VIVO



LUIZ FELIPE
PONDÉ

ANOTA AÍ: 18/06 • 16H



@APPAIRJ



SUMÁRIO

02 Opinião

Jogar fora ou reaproveitar os alimentos? O brincar: da imaginação ao conhecimento

03 Língua Portuguesa

Aproveitando o momento para adquirir conhecimento

08 Ciências

Ciências em ação

14 Interdisciplinaridade

Um jogo para todas as disciplinas

16 Mídias sociais

Aprendendo a ensinar com o Instagram

26 Sustentabilidade

Criando novos hábitos

30 Tecnologia

Operação Antivírus X

44 Interdisciplinaridade

Com o *WhatsApp* agora ficou mais fácil criar Podcast

54 Gestão

Professora vira fenômeno com videoaula

57 Literatura Infantil

Baú das memórias

CAPA

Conversamos com especialistas para auxiliar no processo de aprendizagem de filhos e alunos, reunimos dicas e ouvimos escolas que se adaptaram a essa nova realidade com sucesso – Pág. 32



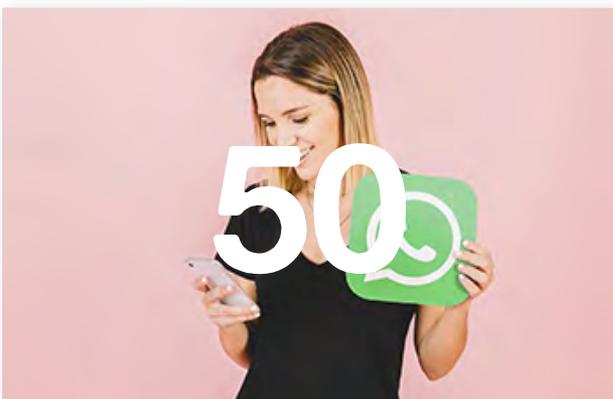
FILHOS DA TERRA

Através das artes, os pequenos aprenderam sobre a preservação do Meio Ambiente e as culturas indígena e africana



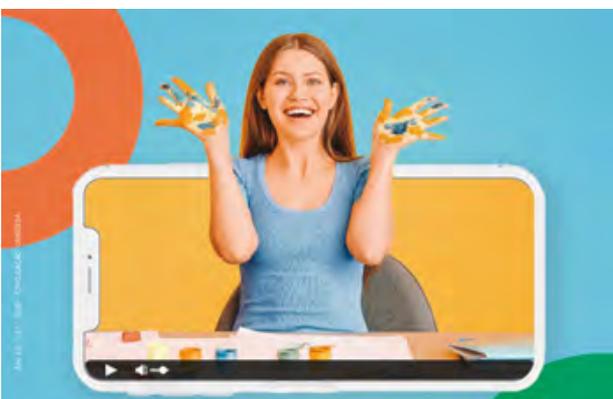
PORTFÓLIO PARA COORDENADOR EDUCACIONAL?

Saiba por que este documento é crucial no desenvolvimento dos alunos



WHATSAPP: VOCÊ TEM UMA NOTIFICAÇÃO EDUCACIONAL

Saiba como utilizar o aplicativo para realizar atividades pedagógicas de forma objetiva





Opinião

Jogar fora ou reaproveitar os alimentos?

Márcia Barbosa Gonçalves* / Thadeu Barbosa Gonçalves**

Entre os debates que permeiam nossa sociedade, percebemos que a preocupação com o meio ambiente a cada dia está sendo discutida e debatida. Como usar formas e metodologias para preservação e longevidade do nosso planeta?

Mas como vamos realizar isso, se não há uma educação ambiental? Daí a necessidade de demonstrar que é preciso aproveitar os alimentos que jogamos fora, as famosas sobras alimentares, que não sabemos como utilizar em nossas mesas. O objetivo é ter consciência de que a educação nesse sentido começa de forma interna para depois ser externa.

Percebemos que em nossa sociedade ocorreu uma modificação no hábito alimentar, a inserção do *fast-food* nas mesas brasileiras, apesar da influência que temos de outras culturas, como a africana, a portuguesa, a italiana e a indígena, que diversifica a nossa gastronomia, em produtos como açaí e mandioca brava, por exemplo.

Por tempo escasso e correria do cotidiano, acaba-se optando pelo *fast-food* em função da praticidade de guloseimas, como sanduíches, pizzas, batata frita. Devido a essa mudança percebemos aumento nas sobras alimentares que, segundo a FAO em documento de 2013, podem chegar a 1,3 bilhão de toneladas de alimentos desperdiçados.

O número alto se deve à falta de educação nutricional e ambiental. Percebemos que essa preocupação é antiga e já estava presente em obras consagradas, como a de Josué de Castro, “Geografia da Fome, o dilema brasileiro: pão ou aço”. Constatamos assim que é uma preocupação relevante que vem do passado.

Então vamos falar sobre a bioquímica das sobras alimentícias e como podemos aproveitá-las. Com relação aos vegetais, seus coprodutos, constituídos de cascas, talos, sementes, não são utilizados, o mesmo acontecendo em 70% dos casos quando analisamos as frutas.

Para realizar uma forma de longevidade dos alimentos utilizamos o branqueamento, uma técnica que implica a inativação enzimática e que afeta a qualidade dos produtos durante e depois dos processamentos. As enzimas envolvidas são a peroxidase e a catalase, que são resistentes ao calor.

O branqueamento ajuda na limpeza dos alimentos e na sua preservação, já que consiste em lavar bem os alimentos, depois cortá-los em pedaços pequenos e em seguida colocar no fogo em uma panela com água. Quando ferver, retire o alimento e ponha-o em uma vasilha com gelo por 2 minutos. Em seguida escorra a água e coloque pouca quantidade do alimento em sacos plásticos próprios para culinárias, retirando o excesso de ar. É importante pôr uma etiqueta com a data e o dia do congelamento.

Através das pesquisas bibliográficas e da revisão da literatura percebemos o aumento da preocupação com o meio ambiente. Mas ainda há muito o que disseminar sobre gestão e educação ambiental em todos os setores da sociedade brasileira, o que inclui escolas, indústrias, a mídia etc., pois a preservação do planeta não é uma tarefa só do setor alimentício.

Assim concluímos que há ainda muita coisa para ser modificada, mas de uma forma progressiva conseguimos notar pequenos resultados positivos no que se refere à educação ambiental nos dias atuais.

O trabalho demonstra a preocupação com nosso planeta e a formação de uma metodologia que nos permita modificar toda essa preocupante situação. Fazendo com que haja uma atenuação sobre os agravos do meio ambiente e uma conscientização quanto à necessidade de as sobras alimentares serem reaproveitadas.

***Márcia Barbosa Gonçalves** é graduada em Geografia, professora, servidora pública.

****Thadeu Barbosa Gonçalves** é graduando de Nutrição na Unisuam.



O brincar: da imaginação ao conhecimento

Viviane Aparecida da Silva*

A data que propõe uma reflexão e um momento de olhar para a infância é celebrada no Brasil no dia 12 de outubro há mais de 60 anos: o Dia das Crianças. Uma das atividades mais comuns na infância, o brincar, vem se modificando ao longo dos anos por uma série de fatores, como o ambiente e o uso das novas tecnologias. Uma pesquisa realizada pela Nielsen em 2018 revela que o consumo da internet pelas crianças com idades entre 2 e 11 anos aumentou 63% nos últimos cinco anos, totalizando cerca de 16 milhões de pequenos que navegam pela rede.

É na infância que as crianças mais utilizam os recursos lúdicos para desenvolver a imaginação, e os meios eletrônicos podem representar ferramentas de estímulos, se utilizados de maneira adequada. Segundo estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS), o tempo diário recomendado de exposição às telas é de uma hora por dia para crianças de 0 a 4 anos.

Pensando nisso, como os pais podem promover o equilíbrio na utilização dos eletrônicos? Uma das possibilidades é estimular atividades de essência da infância, como o brincar. A palavra de origem no latim vem da raiz *vinculu*, que significa 'tudo que ata ou liga'. A brincadeira tem essa função de ligação e elo entre as crianças, ou entre adultos e crianças. Além disso, o brincar é reconhecido como um direito adquirido. Na legislação brasileira, inclusive, esse direito está tanto na Constituição Federal (1988) quanto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - 1990).

O vínculo pode ser desenvolvido em brincadeiras ao ar livre, em parques e praças, em contato com a natureza. Os estímulos auxiliam no desenvolvimento de habilidades como paciência, tranquilidade e criatividade. Um estudo apresentado na Pediatrics National Conference & Exhibition, de Chicago, apontou que crianças que desfrutam de áreas verdes na escola demonstram níveis de estresse reduzidos. Isso acontece porque o contato direto com a natureza auxilia a construção prática do conhecimento, facilitando o aprendizado do aluno. As atividades diárias podem despertar a curiosidade e contribuir para a aproximação com a natureza e, ainda, criar futuros defensores do meio ambiente.

Já a escola tem o papel importante de entender, valorizar e respeitar a cultura do brincar, inserindo atividades no currículo, assim como organizando o tempo e o espaço para que isso aconteça. Os pais podem perguntar aos profissionais da educação quais são as suas metodologias sobre o tema e como isso será apresentado para as crianças. É importante também que os responsáveis entendam que não é necessário antecipar as etapas e tempos da vida na infância. Há saberes e habilidades que, se não desenvolvermos nessa fase, faltarão nos anos seguintes – e o brincar é um deles. A habilidade contribui para explorar, pesquisar, criar e inventar, atividades que estão intimamente ligadas ao desenvolvimento dos adultos no futuro.

***Viviane Aparecida da Silva** é doutora em educação e diretora educacional do Marista Escolas Sociais, que atendem gratuitamente 7.700 crianças e adolescentes em comunidades em situação de vulnerabilidade social.

APROVEITANDO O MOMENTO PARA ADQUIRIR CONHECIMENTO



Por Sandro Gomes*

Como aconteceu em outras fases graves para a humanidade, das dificuldades foram extraídas melhorias e progressos que até hoje nos acompanham. Assim, nada nos impede de transformar a tensão dos dias atuais em mais conhecimento e aprendizado. Vamos então aproveitar a ocasião e aprender sobre a origem e formação de algumas palavras que têm ficado familiares ao nosso vocabulário por conta de tudo que envolve a pandemia.

Pandemia / Epidemia / Epicentro

Aqui estamos diante de palavras formadas por raízes de origem grega:

Epi – Preposição que pode ter vários significados, como *em cima de, perto de, além de etc.*

Demos – Povo, população.

Dessa forma, uma epidemia pode ser traduzida como algo como “aquilo que paira sobre um povo”. A mesma ideia está presente em outro termo que tem sido bastante utilizado atualmente: epicentro. Ou seja, “do centro para cima”, para se referir àqueles lugares que apresentam muitos casos da doença e por isso podem servir para contagiar outras regiões. Daí não fica difícil deduzir a formação de *pandemia*, onde aparece outro prefixo de origem grega (*pan-*), que significa “todo” ou “por inteiro”. Ou seja, uma pandemia é “algo que atinge toda a população”.

Vacina

Outra palavra que não sai dos nossos ouvidos e bocas, por razões óbvias. As primeiras tentativas de obter uma substância capaz de deter elementos estranhos em nosso corpo causando as doenças foram realizadas em bovinos. Assim, o criador da primeira vacina,

o médico inglês Edward Jenner, utilizou o termo latino *vaccinus*, isto é, “das vacas”, para nomear seu invento.

É pena que normalmente só lembremos desses animais como fornecedores de alimentos, peles, chifres etc.! Mas agora não há mais desculpas para não reconhecermos a importância dos bovinos também no campo da saúde pública, não é mesmo? E quando a vacina chegar (que seja logo!) vamos reparar a injustiça.

Vírus

O significado mais habitualmente atribuído a essa palavra de origem latina é “veneno” ou “tóxico”, expresso em vocábulos como *virulência*, que também pode ser usada fora do contexto da medicina em adjetivos como *virulento*, “aquele que usa de agressividade”.

E aí temos um bom exemplo de como as palavras, dependendo do contexto, podem se afastar de seu campo semântico original e passar a expressar até o seu oposto. O sentido mais imediato no latim para a palavra *virus* (*virus*,*i*) se refere à seiva das plantas, ou seja, a mais primitiva fonte de remédios. Por algum motivo as substâncias malignas (venenos), que também possuem a mesma origem, acabaram tomando a dianteira ao longo da história.

Que esse sentido primitivo – de “seiva”, daí “ser verdejante”, “ter saúde, vitalidade” etc. (como aparece em dicionários de latim) – passe a predominar, quando, depois de tudo isso deixado para trás, pudermos ter uma humanidade sadia e fortalecida, em todos os sentidos possíveis.

Amigos, para essa edição é isso, um pouco de cultura para compensar as dificuldades. Até a próxima, pessoal!

■ ***Sandro Gomes** é professor, escritor, blogueiro, colunista da Appai, com formação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e Mestre em Literatura Brasileira.



Interdisciplinaridade

FILHOS DA TERRA

Através das artes, os pequenos aprenderam sobre a preservação do Meio Ambiente e as culturas indígena e africana

“**D**evo estimular o desenvolvimento e as habilidades dos alunos na sua formação como cidadãos críticos e criativos, já que nós somos os mediadores, facilitadores desse universo educativo”. Com esse pensamento, a professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, Sheila Portella,

desenvolveu o projeto *Filhos da Terra* na Escola Estadual Municipalizada Taciano Basílio, localizada em Itaguaí.

O intuito do projeto foi focar no desenvolvimento integral das crianças por meio de uma abordagem aberta e multidisciplinar que envolve o ensino das Artes. Além de abordar áreas como música e cultura de forma interdisciplinar, promovendo a formação integral do estudante e ampliando o repertório de experiências corporais.

Entre as temáticas abordadas no projeto estão a importância da preservação dos ecossistemas e as culturas indígena e africana. Os estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental foram estimulados a se identificar como parte integrante da natureza, percebendo os processos pessoais como elementos fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação ao meio ambiente. Além disso aprenderam sobre as heranças culturais dos índios no nosso cotidiano, conheceram sua história, culinária, lendas, tradições e músicas.

A educadora ressalta que as crianças foram estimuladas ao desenvolvimento em diversas áreas: tanto na psicomotora, como na afetiva e social, através da dança, capoeira, música, oralidade, interpretação teatral, tudo implementado de acordo com o projeto pedagógico da escola. “Quando apresentamos a dança, por exemplo, pudemos enfatizar temas como tolerância em diferentes contextos, para a desconstrução do preconceito racial, social, de gêneros e religiosos, extirpando olhares preconceituosos em relação à diversidade. Fizemos um número incluindo apresentação teatral e leitura de poesias”, afirma Sheila.

Ela conta ainda que, aos poucos, foram introduzindo ati-

“A comunidade escolar envolveu-se de maneira direta no evento. Foram perceptíveis a alegria, a motivação e o aproveitamento que os alunos demonstraram”.

vidades lúdicas ao projeto para não ficarem “presos” somente aos conteúdos dos livros e sala de aula. “Tivemos apresentação de roda de capoeira com o cumprimento e as saudações para homenagear nossos antepassados que foram escravizados e a participação de todos os alunos da unidade escolar. Preparamos também uma apresentação de dança dos povos indígenas e africanos, pois essas culturas fazem parte da nossa história”, garante a educadora.

Sheila conta que realizar projetos assim em uma escola rural é um grande desafio. “A unidade é de difícil acesso e a quase totalidade dos alunos possui dificuldade financeira. De forma geral, eles não têm acesso a outras atividades fora



Os alunos participaram de apresentações de dança dos povos indígenas e africanos, baseado no que foi aprendido com o projeto

A educadora ressalta que as crianças foram estimuladas ao desenvolvimento em diversas áreas, através da dança, música, entre outras atividades



do espaço escolar, seja pela questão financeira ou até mesmo por problemas de transporte. Apesar de todas as dificuldades encontradas foi possível vivenciar situações de atividades planejadas que foram um sucesso”, relata.

Para a professora, entender o ambiente em que o projeto foi realizado pode realçar ainda mais a importância de se inserir a prática pedagógica, não apenas como aquele que transfere, mas que,

principalmente, produz conhecimento a partir de sua prática e vivência. “A comunidade escolar envolveu-se de maneira direta no evento. Foram perceptíveis a alegria, a motivação e o aproveitamento que os alunos demonstraram. Houve uma grande participação de pais e responsáveis, assim como de toda a comunidade, sem falar da integração de toda a equipe de trabalho. Muito gratificante fazer parte disso!”, finaliza Sheila.

■ *Por Jéssica Almeida*

Escola Estadual Municipalizada Taciano Basílio

Estrada Bom Jardim, 953 – Saco da Prata – Itaguaí/RJ

CEP: 23815-000

E-mail: escolamunitacianobasilio@itaguaui.rj.gov.br

Foto: lunetas.com.br.

Imagem retirada do site Lunetas / Povos Indígenas do Brasil Mirim e fotos cedidas pela professora.

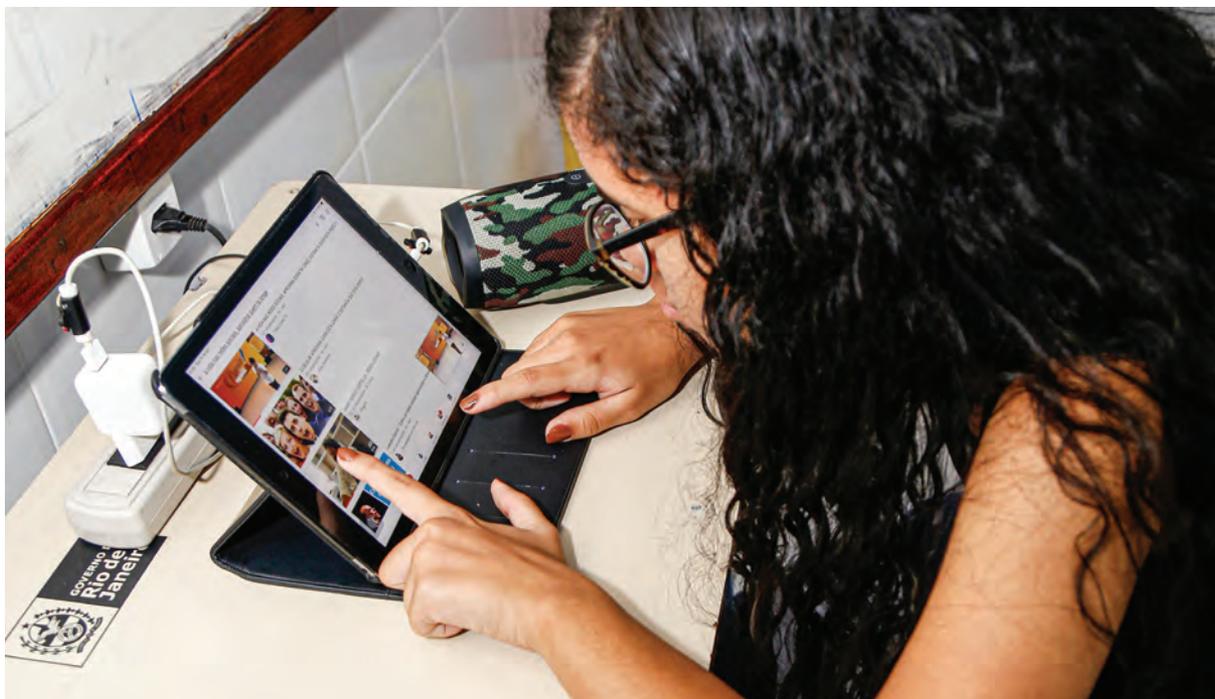
CIÊNCIAS EM AÇÃO

Popularizando a Ciência para os muros da escola

Pesquisadores e profissionais de variados ramos de conhecimento participaram da Semana da Ciência e Tecnologia no Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira (Cepap), no Colubandê, município de São Gonçalo. Durante três dias, acadêmicos e profissionais de variadas áreas do mercado desenvolveram oficinas criativas de popularização do conhecimento. A proposta integra o PEPCiências (Educação Popular em Ciências), ação de extensão universitária concebida a partir de diálogos colaborativos entre o Cepap e o Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (Gieesaa) em parceria com o Instituto de Química (IQ) da UFRJ.

Os coordenadores do projeto são os professores Célia Souza, da UFRJ, e Francisco Coelho, do Cepap, que também fazem parte do Gieesaa. O PEPCiências objetiva tornar a ciência mais simples, mais tangível para os alunos e para a comunidade. “Ele não é só uma atividade escolar. É uma proposta que preza a pedagogia social, que ultrapassa os muros da escola convidando ex-alunos, pais, a comunidade como um todo para que venham falar de ciências neste grande congresso”, afirmou Coelho.





De acordo com um dos coordenadores do projeto, há necessidade de se buscar mecanismos de popularização que incluam as pessoas em diferentes assuntos e pesquisas na educação básica

Durante três dias a comunidade escolar e entorno participaram ativamente das 33 oficinas oferecidas no horário noturno do Cepap. Todos os profissionais envolvidos são voluntários e, segundo Coelho, eles também acreditam na importância da popularização das descobertas científicas, a partir de uma linguagem que seja capaz de aproximar conhecimentos produzidos pelos cientistas daqueles que, em última análise, também participaram do financiamento das mesmas.

“É um desafio tirar a produção científica da clausura dos laboratórios e periódicos”, afirmou Francisco Coelho, ao enfatizar a necessidade de se buscar mecanismos de popularização que incluam as pessoas em diferentes assuntos e pesquisas na educação básica. Para ele, mais do que falar de cada uma das oficinas – todas relevantes – torna-se vital

“É um desafio tirar a produção científica da clausura dos laboratórios e periódicos”

enfatizar a participação de ex-alunos do Cepap que se tornaram acadêmicos e profissionais que continuam voltando à escola para participar de uma ação solidária. Nesta segunda edição do PEP-Ciências, cinco deles interagiram com suas oficinas no colégio.

Foi o caso de Douglas Diniz, que ingressou no curso de Biologia e é parceiro da escola desde 2004. Ele abordou o tema “Biologia das serpentes” e levou como convidada a veterinária Amanda Hardoim para promover uma oficina de zoonoses, doenças causadas por animais domésticos. Conforme Coelho, o futuro professor de Ciências con-

cluiu a sua formação básica na escola e é um dos catalisadores de uma série de outros parceiros.

Outro exemplo de retorno às bases foi dado por Larissa Silva e Paulo Hassan. Os dois foram alunos de Francisco Coelho tanto no Cepap como na Uerj-FFP (Faculdade de Formação de Professores) no curso de Biologia. Ela desenvolveu a oficina de “medicina das plantas” e ele a de “estudos dos jacarés”. “Larissa se propôs à meta voluntária de fazer a escola onde estudou crescer e, tanto ela como o marido, se tornaram parceiros do projeto”, frisou Coelho, feliz com os frutos que brotam.

Outro ex-aluno que chamou a atenção da comunidade escolar com um tema pra lá de interessante foi Hans Muler, que falou sobre plásticos comestíveis. Graduado em Geografia e próximo de ver seu sonho se tornar realidade – dar aulas na escola em que estudara e fizera estágio – Muler se dedica a pesquisar esta invenção tecnológica que interfere no nosso cotidiano. “Apesar de não ser algo que vamos sair mastigando como uma bala, é uma boa saída para pessoas e empresas que buscam um material não tóxico e com alto índice de degradação. O material do plástico comestível é fabricado a partir de amido de milho, enquanto os convencionais são derivados do petróleo. Biodegradável, o bioplástico desaparece do planeta em poucos meses, enquanto o tradicional leva mais de um século.

Uma das oficinas chamou a atenção por ter entre participantes mães de alunos: “Ciência e Arte Indígena”, com Allan dos Santos. O pesquisador levou vários exemplos de arte produzida por vá-

rios povos indígenas, estampada em cerâmica e artefatos pessoais. Segundo ele, este tipo de arte vai além da dimensão material, inserindo-se num universo maior, que inclui as relações sociais, a interação com a natureza. Durante a oficina, os presentes foram convidados a realizar uma pintura coletiva em tecido com o grafismo inspirado na cultura dos primeiros habitantes do país.

Outro tema em debate, entre os muitos, foi o trânsito. Augusto Vieira, instrutor de uma autoescola e com vasta experiência como socorrista, abordou a questão da má combinação entre direção e ingestão de álcool. Ele integrou equipes da Lei Seca – criada pela Lei nº 11.705, de 19 de junho de 2008, com vistas à redução de acidentes de trânsito causados por condutores alcoolizados. Sem ser alarmista, mas apresentando dados e vídeos, o instrutor falou da importância da implantação da fiscalização e do trabalho de conscientização que vem apresentando, ao longo dos anos, expressiva redução dos índices



Alunos e ex-alunos da instituição educacional se reuniram para abrilhantar o projeto que teve a participação da família

de acidentes graves e mortes, apesar de os números ainda continuarem altos. “É preciso haver responsabilidade para que o trânsito seja mais seguro e confiável”, alertou, ao mencionar pesquisas que mostram o impacto dos 10 anos de vigência da Lei Seca: a redução em 2,4% do número de mortes por acidente de trânsito no país. Dados do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, em 2018, registraram 38.273 óbitos por essa causa; em 2016, foram 37.345.

Coelho comentou que muitos dos temas das oficinas surgiram, também, das demandas levantadas em sala de aula. Como ocorreu com a “Ciência por trás da maconha” desenvolvido por Maria de Lourdes da Silva. A professora da Uerj abordou a trajetória das drogas, como o

seu uso não é algo recente e, sim, histórico. Seu objetivo, alcançado, era o de sensibilizar os jovens para que falassem sobre o assunto. Que entendessem que algumas formas repressoras e proibicionistas podem ampliar os mitos e estigmas acerca das drogas e seus usuários.

Projeto social – Nesta segunda edição do PEPCiências no Cepap, os oficinairos convidados ficam livres para compor os objetivos de suas atividades. A cada ano, segundo Francisco, o projeto vai sendo readaptado, melhorado, expandido. Os temas são definidos nos primeiros contatos tendo como foco a popularização da ciência, do assunto a ser abordado. Os objetivos são construídos pelo facilitador e o próprio nome da oficina dá uma impressão da proposta a ser oferecida.

Na primeira edição, a coordenação solicitava os objetivos previamente, mas durante a execução, muitas vezes, mudavam a proposta e os arranjos tinham que ser feitos praticamente na hora. Por isso, passou-se a considerar que os focos desse projeto social são a popularização da ciência e o abraço à escola com a finalidade de torná-la viva. Não é tão relevante quem realizou a ação ou se os objetivos foram aqueles inicialmente determinados. O mais importante é de onde vem a motivação: uma ação solidária de dar retorno à comunidade escolar dos conhecimentos construídos no espaço acadêmico, de forma participativa e dinâmica.

Esse dinamismo se dá ao longo do processo de construção da maratona de atividades



Um dos debates foi em relação à Lei Seca, vigente no país há 10 anos, que promoveu uma redução em 2,4% do número de mortes por acidente de trânsito até então



O PEPCiências é um projeto que envolve curso preparatório na escola, semana de ciência e tecnologia e cursos livres. Além disso, está em elaboração para o futuro uma semana da saúde mental

em que toda a comunidade escolar é envolvida. O projeto fora concebido a partir de diálogos colaborativos entre Gieesaa e diferentes instituições de ensino e pesquisa, dentro e fora do Estado do Rio. Para a popularização de assuntos e pesquisas científicas a ideia foi criar mecanismos que incluam diversos atores sociais, protagonistas da elaboração intelectual dos temas estudados, a serem trabalhados de forma dialógica em espaços fora da universidade, ou seja, extensão universitária. Conforme os coordenadores, o PEPCiências é um projeto maior que envolve curso preparatório na escola, a semana de ciência e tecnologia, os cursos livres. E, em elaboração, a semana da saúde mental.

Para a semana de C&T, foi construída uma metodologia que, além de oferecer espaços de diálogo e aprendizagem sobre os diferentes temas científicos, aproximando a ciência da vida cotidiana dos jovens e adultos, definiu que cada oficina teria em média de 15 a 20 alunos, de forma a manter uma relação de proximidade e conforto na turma. Criou-se também uma comissão científica com uma equipe de monitores – alunos que se interessaram em participar de todo o processo.

Cada monitor ficava responsável por um oficina convidado e várias tarefas, como a organização do espaço, entre outras. Junto à coordenação, criou-se a figura do gerente de imagens, que registrava todas as ações. Como se tratava de um projeto acadêmico, a avaliação se fez a partir de questionários preenchidos tanto pelos monitores como pelos oficinairos. Em um deles, o instrutor de trânsito Augusto Vieira, ao ser questionado sobre como via a relação entre o voluntariado e a popularização da ciência nas escolas, sintetizou a essência do projeto social: “Cada um de nós pode doar um pouco do que recebeu em prol do crescimento acadêmico e pessoal dos alunos”.

■ *Por Sandra Martins*

Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira - Cepap

Avenida José Mendonça de Campos, 1.776 – Colubandê – São Gonçalo/RJ

Tel.: (21) 2701-5577

E-mail: ensinodeciencias.ead@gmail.com

Coordenadores: Professores Célia Souza (UFRJ/Gieesaa) e Francisco Coelho (Cepap/Gieesaa)

Fotos: Marcelo Ávila

UM JOGO PARA TODAS AS DISCIPLINAS

Saiba como o Jogo da Memória pode ser um grande aliado na aprendizagem

O jogo da memória é um verdadeiro clássico entre as brincadeiras para crianças. Mas, além de divertida, a atividade pode ser uma ótima oportunidade para aprender brincando. Afinal, muitos jogos já deixaram de ocupar papel apenas na diversão e ganharam um espaço todo especial na rotina educacional das crianças. Com o jogo da memória, se obtêm benefícios como a capacidade de desenvolver habilidades de concentração, autonomia e confiança.

Sabemos também que um dos maiores desafios do dia a dia do professor é transformar o aprendizado em uma tarefa lúdica, especialmente no caso dos pequenos alunos. Para tal, não é preciso apenas muita criatividade e jogo de cintura para lidar com o pique desses estudantes, mas também instrumentos que atendam às necessidades pedagógicas e atraiam o interesse deles. Por isso, os jogos e brincadeiras são perfeitos para esse objetivo.

Especificamente nesse jogo que estamos sugerindo como atividade educacional, há um apelo que adentra os requisitos da BNCC, pois ele pode auxiliar no aprendizado, fornecendo diretrizes sobre o respeito às regras, estratégia e controle do

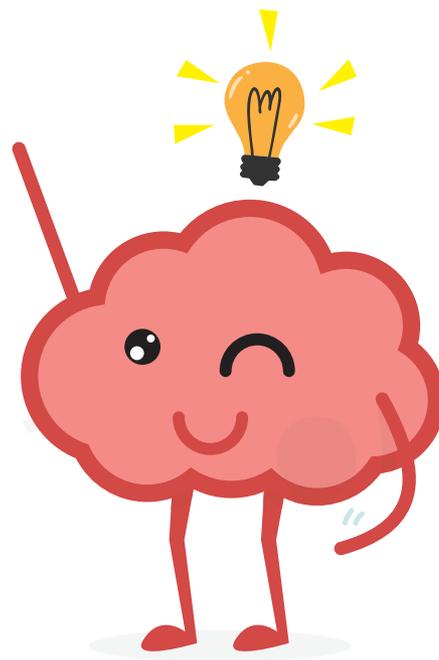


tempo, proporcionando à criança o desafio de superar a si mesma e de trabalhar em equipe, se for produzido de forma personalizada.

Como instrumento de aprendizagem, os jogos ajudam no desenvolvimento do aluno sob as perspectivas criativa, afetiva, histórica, social e cultural. Jogando, a criança inventa, descobre, desenvolve habilidades e experimenta novos pontos de vista. Tanto as potencialidades quanto as afetividades da

criança são harmonizadas no desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas.

Está comprovado, de acordo com Piaget, que estabelecer ligações com conhecimentos prévios ajuda a fixar conceitos, fatos e procedimentos, ainda mais quando aliado à emoção em sala de aula. O jogo da memória, por exemplo, exige que o aluno não só se lembre da posição das peças, como também crie formas de não as confundir com outras.



SAIBA COMO APLICAR O JOGO DA MEMÓRIA NA SUA DISCIPLINA

Português: em uma carta coloque antônimos e na outra sinônimos. Podem ser feitos também com coletivos, letras iniciais de objetos etc.

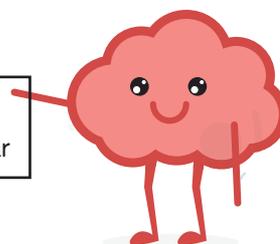
Matemática: a tabuada pode ficar muito mais divertida com este jogo. Em uma das cartas coloque a questão, na outra a resposta. A criança vai se amarrar na hora de resolver esse cálculo.

História: os alunos precisam encontrar as cartas relacionando acontecimentos históricos e datas importantes. O que aconteceu no Brasil em 1500? E em 1789 na França? Esse é um aulão histórico!

Geografia: países e capitais vão fazer com que os estudantes fiquem craques nessa memorização. Para ficar mais criativo, o aluno pode pintar o interior da carta de acordo com as bandeiras das nações.

Inglês: Do you speak english? Sun/sol; summer/verão; sunset? Em uma carta escreva a palavra em português, na outra sua tradução. Se os alunos estiverem mais avançados, você pode aprimorar os conhecimentos. Pode-se também aplicar o mesmo método para outras línguas.

Clique aqui, faça o *download* e imprima o molde do jogo de memória produzido exclusivamente pela Revista Appai Educar



■ Por Richard Günter

Fontes: MEC | BNCC

APRENDA A ENSINAR COM O INSTAGRAM



SINAR RAM



Uma das plataformas mais acessadas pelos jovens pode ser o caminho para aulas mais atraentes e engajadas

Com mais de 1 bilhão de usuários ativos, o Instagram vem ganhando cada vez mais impulso e espaço entre jovens e adultos. E o que inicialmente era apenas uma plataforma de entretenimento ganhou contornos e ressonância nas salas de aula. Com muita frequência ferramentas tradicionais como lápis, papel e borracha, usadas em sala de aula por alunos e professores, vêm sendo gradativamente substituídas por uma tecnologia *on-line* mais interativa, norteadas por *softwares* e aplicativos baseados em inteligência artificial.

E se você, professor, ainda não começou a aproveitar o poder do Instagram para engajar ainda mais as suas aulas, o momento não poderia ser mais oportuno. Pois é exatamente isso que educadores de todo o mundo estão fazendo, encontrando maneiras de usar essa mídia social para se envolver com seus alunos e pais.



Por onde começar?

- 1 - É bastante simples.
Primeiramente, professor, você deve criar uma conta exclusiva somente para usar em seus conteúdos de sala de aula e em temas relacionados à classe. **Não misture com sua conta pessoal.**
- 2 - É interessante que essa conta seja seguida, sobretudo, pelos alunos e seus pais. É claro que, se houver pessoas com interesses afins, elas são sempre bem-vindas.

Encontre ideias impressionantes

A foto pode ser um ótimo recurso para se ganhar mais tempo, em vez de anotar. As *hashtags* também são uma boa opção para manter a organização das imagens

Os comentários também podem ser um canal para se discutir os assuntos referentes às postagens, além de gerarem interação pela possibilidade de **marcar outros colegas** nos vídeos e nas fotos.

O vídeo pode ser usado como um método para avaliar e acompanhar os conhecimentos dos conteúdos ministrados, incentivando o **compartilhamento** desse material a um amplo público via Instagram.

A conta do Instagram de sua turma é o lugar perfeito para o professor **divulgar as fotos dos projetos e atividades** realizadas presencialmente ou a distância.

Existem também muitas contas de professores e ligadas à educação que fornecem ideias para tudo, desde quadros de aviso a projetos científicos. Comece pesquisando **#professora #o #educa #professor #pedagogia #escola #edagacaoporpedagogiaporamor #educacaoinfantil #professores #pedagoga #oinfantil #como #crian #saladeaula #vidade-professora #a #ensinofundamental**

3 - Depois de abrir a sua conta, um outro passo não menos importante é pesquisar **#hashtags**, que consiste num termo usado nas mídias sociais com o objetivo de direcionar o usuário para uma página de publicações relacionadas àquele tema ou a uma discussão.

4 - Então comece a postar suas imagens e conteúdos imediatamente.

Contudo, sabemos que esse momento de isolamento vem desafiando a comunidade

de escolar em muitos aspectos. Entre eles, a mudança de papéis imposta pela pandemia, em que pais tiveram que se transformar em educadores. E professores, que usar toda a sua habilidade e competência para se reinventarem frente à aceleração do uso dessas tecnologias, que até então eram vistas apenas como janela para o entretenimento, a exemplo do Instagram.

Por isso trouxemos algumas dicas para serem usadas em sua classe e que podem ajudar você a deixar suas aulas mais interessantes e interativas. Vamos lá!

Filhos sempre gostam de saber como é a rotina dos pais em seus trabalhos

#enem #professorasdobrasil #psicopedagogia #professoraporamor #souprofessora #professorando #educadora e siga para onde a hashtag o levar.

Mostrar trabalho do aluno

O Instagram pode ser o lugar perfeito para exibir as atividades dos estudantes e dar **aquele up** na autoestima da turma.



Boas memórias

Mostre aos pais de seus alunos um pouco do seu dia a dia com seus filhos. Da mesma forma que os filhos sempre gostam de saber como é a rotina de seus responsáveis em seus trabalhos, os pais ficarão felizes em poder compartilhar esse momento da vida de seus rebentos.

Criar projetos com uma pegada dos alunos

A mídia social é a linguagem desta geração, então porque não usá-la de forma favorável em sua disciplina. Uma ideia seria pensar junto com seus alunos de que maneira, por exemplo, eles fariam para que ícones da literatura tivessem mais engajamento e interação em seus posts no Instagram. Como seria o *feed* desses personagens? Quem seriam seus seguidores? Quais fotos eles postariam? Que *hashtags* eles usariam?





Seja mais que professor de seu aluno, seja “parça”!

Professor, que tal você dar aquela forcinha a mais nos trabalhos de seus alunos postando lembretes no Instagram acerca das tarefas de casa e projetos, bem como publicar tutoriais imagem a imagem. Essa mídia é um excelente local para se levantar uma roda de conversa nos comentários, incentivando assim os mais tímidos na oralidade, além de abrir um canal a mais para que os estudantes possam tirar suas dúvidas e pedir aquela santa ajudinha do “teacher”.

Finalmente, à medida que essas ferramentas ganham mais projeção entre seus usuários em sala de aula, a comunidade educacional expande uma nova porta de usabilidade a favor do conhecimento. Afinal, esse é o momento de ensinar e aprender cidadania digital, pois, ao usar uma mídia tão presente na rotina dos alunos, certamente a lição para ambos os lados terá um reforço a mais no ganho das habilidades e competências tanto do discente quanto do docente.

■ **Por Antônia Lúcia**

Fontes:

www.brasilecola.uol.com.br

www.desafiosdaeducacao.grupoa.com.br

Gestão Escolar

PORTFÓLIO PARA COORDENADOR EDUCACIONAL?

Saiba por que este documento é crucial no
desenvolvimento dos alunos



Sem dúvida, o portfólio é imprescindível ao profissional que busca ser reconhecido pelas suas conquistas e ações. Estudantes em busca do primeiro emprego, professores que desejam recolocação no mercado precisam estar com ele sempre atualizado. Mas saiba que, na educação, não são somente esses dois personagens citados que podem usufruir do portfólio. O coordenador educacional também pode fazer um bom uso dessa ferramenta, agregando aquilo que mais fez diferença nos resultados com o intuito de promover uma melhor gestão na sua ou em outras instituições.

Primeiramente, é importante que esse material não seja visto como um documento que possua burocracia no seu entendimento. Ele precisa ser objetivo, prático e servir como um valioso processo de autoavaliação.

Neida Amaral, que leciona para o curso de pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ratifica que este documento deve ser compreendido como um registro das atividades realizadas na instituição. “Ao produzir o portfólio, reúna informações que identifiquem os diversos momentos da atuação, pincelando, com sua visão profissional, as aprendizagens e as reflexões que puderam promover críticas construtivas da qual obtiveram resultados efetivos”, afirma Neida.

Toda avaliação do que acontece no dia a dia escolar será um grande diferencial para melhorar a prática pedagógica na hora de estruturar os planos de ação. “Com este documento será possível rever de forma clara o desenvolvimento numa visão geral, desde o processo de aprendizagem até a evolução do trabalho na unidade escolar”, ratifica Neida.

Mas o que devo registrar no portfólio?

Ao criar o seu documento, é imprescindível que o foco do relatório fique objetivado nos registros de atividades e informações que auxiliem na execução do projeto. Para Neida, devem ser incluídos: dados sobre planejamento pedagógico, propostas de ensino, dinâmicas realizadas com os professores com comentários sobre resultados e dificuldades encontrados, reuniões, dados sobre a escola, além das reflexões do próprio coordenador.

Já Karine Rezende, orientadora pedagógica da Emeipi Prof.^a Márcia Aparecida Faria, em Caçapava (SP), acrescenta que devem ser incluídas também informações sobre encontros semanais do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) com os professores; encontros quinzenais do Horário de Trabalho Coletivo com os Funcionários (HTCF); Reuniões Pedagógicas e de Formação – na escola e fora dela; andamento da formação continuada;

conselho de classe; observações de aula – na sala e na área externa; tematização da prática pedagógica; elaboração, discussão e ações do Projeto Político-Pedagógico (PPP); planos de ação para os momentos de integração; avaliações permanentes das ações planejadas pela equipe gestora (orientação pedagógica e direção), professores e demais funcionários. “Na unidade escolar onde atuo considero que tudo o que vivenciamos no dia a dia é importante e vale considerar registrar no portfólio. Todas as atividades realizadas e as interações entre docentes, gestores e alunos contribuem para o desenvolvimento, a aprendizagem e a evolução também do coordenador”, pondera Karine.



Foto por Savannah Wakefield, via Unsplash



Registrar essas ações, inclusive reflexões críticas acerca do desenvolvimento, deve se tornar um hábito para o coordenador, pois é a partir desses relatos que surgem ideias para se corrigir falhas futuramente. Ao analisar um planejamento que foi vivenciado, você enxerga com mais exatidão os avanços conquistados, aumentando a probabilidade de reajustar com excelência um plano de ação atual, que de repente foge da linha na qual foi pensado inicialmente.

"É importante que esse material não seja visto como um documento que possua burocracia no seu entendimento. Ele precisa ser objetivo, prático e servir como um valioso processo de autoavaliação."

Com quem eu posso compartilhar meu portfólio?

Nessa trajetória, o coordenador precisa centrar o seu trabalho na ação humana e acreditar nas mudanças, possuindo assim a capacidade de aceitar e conviver com as diferenças. E ainda estar atento para saber o exato momento para colocar em ação, por meio de métodos, metodologias e recursos didáticos, o seu saber, de tal forma que possa auxiliar de maneira organizada e coerente a formação continuada do professor.

Por isso, os registros pedagógicos podem ser acompanhados pela direção escolar.

Os gestores podem usufruir desse relatório para discutir as melhores práticas e propor ações mais efetivas, já que ao analisar o documento se promove a ampliação do olhar e da atuação, não só do coordenador, mas também de toda a equipe escolar.

E é justamente essa tarefa conjunta que pode acarretar respostas positivas no desenvolvimento dos estudantes.

Além disso, todo o seu conhecimento posto no papel pode ajudar outras instituições a enfrentar as dificuldades que se assemelham às da sua gestão.

■ *Por Richard Günter*

Fontes: Gestão Escolar | Universidade Federal de Goiás | MEC



Sustentabilidade / Língua Estrangeira

CRIANDO NOVOS HÁBITOS



Iniciativa estimula alunos à aprendizagem de língua estrangeira e incentiva uma alimentação saudável com receitas retiradas da Revista Appai Educar

Ensinar hábitos saudáveis na escola é legal, né? E que tal aproximar o vocabulário de outra língua através da oralidade e observação do cultivo de hortaliças? Foi isso que a professora de Espanhol, Wilma Vidal Costa, fez! Unindo as duas propostas, ela desenvolveu um projeto voltado para sustentabilidade na Escola Municipal Camilo Castelo Branco, localizada no Jardim Botânico.

A educadora conta que desde 2016 a escola desenvolve projetos voltados para essa área através da horta, que foi se incorporando ao ambiente escolar e hoje faz parte das práticas pedagógicas multidisciplinares realizadas na instituição. O trabalho conta com a orientação dos professores Roberto Mattos de Mendonça (História), Cristiane Pimentel Victório (Ciências), Jenny Iglesias Polydoro Fernandez (Língua Portuguesa) e outros docentes externos voluntários.

A ideia é trabalhar com a conscientização dos alunos e incentivá-los a costumes alimentares saudáveis. Além de manter o hábito de consumir produtos que forneçam os nutrientes adequados ao desenvolvimento do organismo e ampliar as possibilidades quanto ao que comer, através de receitas veiculadas em ambiente escolar. “Sem esquecer, é



Para degustação durante a culminância do projeto, os alunos prepararam receitas saudáveis retiradas de uma matéria da Revista Appai Educar

claro, de trabalhar os vocábulos hispânicos, explorando a oralidade e observação do cultivo de hortaliças”, explica Wilma.

O trabalho foi iniciado com as turmas 7.101 e 7.201, trazendo como temática as frutas e reforçando o quão saudáveis e nutritivas elas são. Além dos diferentes preparos que oferecem, como sorvetes, tortas, bolos, vitaminas, sucos, iogurtes e mousses. A professora ofereceu ainda o vocabulário em espanhol, utilizando estratégias de

O lixo orgânico produzido no preparo desses alimentos foi conduzido para o preparo de adubo

leitura como instrumento, para que eles inferissem o significado em português. Em seguida, prepararam desenhos para um mural, denominando em espanhol tanto as frutas como as várias possibilidades de degustá-las.

O professor Roberto foi quem recebeu os alunos na horta da escola, explicou quais alimentos eram cultivados lá (temperos, verduras, legumes, ervas medicinais) e citou também as “pancs” (plantas alimentícias não convencionais). Ao retornarem para a



Através da horta no ambiente escolar, os alunos aprendem sobre a importância de hábitos alimentares saudáveis

sala de aula, Wilma pediu que escrevessem em espanhol o nome dos vegetais que eles tinham conhecido. Os estudantes também elaboraram placas para identificar cada produto em espanhol e prepararam caixas para colar os desenhos, cuja intenção era ornamentar as mesas na culminância do projeto.

Para degustação durante a exposição, os alimentos escolhidos foram o bolo de beterraba e as pastas de requeijão com cenoura e beterraba raladas, sugestões que, segundo a professora, foram retiradas da Revista Appai Educar na matéria

Meu doce... virou legumes. “O lixo orgânico produzido no preparo desses alimentos foi conduzido para a confecção de adubo”, ressalta Wilma.

A educadora afirma que ficou muito contente com a participação do corpo docente e de outras turmas. “Os alunos participaram das etapas do projeto ativamente e ficaram entusiasmados com os novos sabores degustados. É sempre um desafio introduzir outros produtos na comida de crianças e jovens, mas é saudável estimular os sentidos e diversificar os tipos de alimentos tão variados no nosso país”, finaliza.

■ *Por Jéssica Almeida*

Escola Municipal Camilo Castelo Branco

Rua Pacheco Leão, 1.004 – Jardim Botânico – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22460-036

Tel.: (21) 2294-9248

E-mail: emcbranco@rioeduca.net

Fotos cedidas pela professora

OPERAÇÃO ANTIVÍRUS X

Alinhado à BNCC, jogo *on-line* propõe soluções para combater a covid-19

“

Larga esse celular!”, dizia sua mãe. “Sai desse videogame!”, gritava seu pai. Eles estavam enganados. Você faz parte da primeira geração de terráqueos totalmente digital. Todo o tempo que você e seus amigos passa-

ram nas redes até hoje era apenas uma preparação para a batalha que um dia chegaria. O destino estava preparando vocês para salvar o mundo. Esse é o lema do jogo que está fazendo o maior sucesso entre a garotada que está de quarentena e realizando as aulas regulares a distância.

Sem sair de casa, a geração mais conectada da história tem muito a contribuir para solucionar os problemas que toda a humanidade vivencia por causa do coronavírus. E para aproveitar esse momento de reclusão obrigatória em casa, o Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios (FGVCenn) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-Eaesp), em parceria com a Jornada X, lançou o *game* “Operação Antivírus X”, que desafia jovens a partir de 12 anos a ajudar a sociedade a enfrentar

a pandemia por meio da solução de problemas sociais em uma gincana virtual.

Totalizando setes missões, o participante seguirá uma jornada cooperativa, que auxilia os grupos a atingirem seus objetivos em um caminho repleto de ensinamentos, que promove reflexão baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Apoiar grupos de risco, desmascarar *fake news*, buscar soluções para pessoas que vivem na periferia e dependem do trabalho diário para sobreviver, superar a falta d’água, garantir a saúde emocional são alguns dos problemas que o jogo apresenta por meio de histórias de vida. Todos os desafios são discutidos nas redes sociais.

O papel do jogador é encontrar soluções para essas e outras situações, por meio de projetos que possam ser aplicados na prática. Edgard Barki, coordenador do FGVCenn, diz que a iniciativa contará também com a criação de um acervo de fotos e vídeos, produzidos pelos jovens, com boas ideias e práticas para serem compartilhadas e, com isso, transformar o Brasil em referência no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e no uso de tecnologias digitais colaborativas para a solução de problemas contemporâneos. “No final do jogo, teremos muitos jovens engajados, brincando com o propósito e mudando a pers-

pectiva do momento de crise e vulnerabilidade para uma visão positiva de conquista, bem-estar e potência”, ratifica Barki.

Ângela Neves, professora de Biologia, conta que está utilizando o recurso com seus alunos que ficam de quarentena em casa. “Encontrei nessa plataforma um jeito divertido e rico em conteúdo que está engajando meus alunos, porque, depois de cada fase concluída, a gente se reúne por videoconferência e discute as diversas questões abordadas no *game*”, explica Ângela, que leciona para turmas de 8º e 9º ano em Porto Alegre.

Ao se envolver na pesquisa sobre os desafios e buscar soluções, os alunos potencializam a aprendizagem ligada às dez competências gerais da BNCC: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; senso estético e repertório cultural; comunicação; cultura digital; autogestão; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; e autonomia. Tudo isso sem se expor aos riscos de infecção pelo coronavírus.

A plataforma está integrada a redes sociais como Instagram, Facebook e TikTok. O jogo pode ser acessado em jornadax.com.br.

■ Por Richard Günter

Fonte: FGV



COMO ENSINAR *ON-LINE* PARA OS PEQUENOS?

Conversamos com especialistas para auxiliar no processo de aprendizagem de filhos e alunos, reunimos dicas e ouvimos escolas que se adaptaram a essa nova realidade com sucesso

Com a quarentena, o ambiente digital passou a oferecer novas oportunidades de socialização e se tornou um novo espaço de aprendizagem. Quando falamos da relação entre infância e tecnologia é preciso observar também os desafios, como a segurança da garotada no universo digital e o respeito à privacidade, como defendem pesquisadores e entidades, como a Unicef e a Organização Mundial da Saúde. Para auxiliar pais e professores nesse novo processo de ensino, a Revista Appai Educar conversou com especialistas para entender a importância desse debate e também trazer soluções para o seu dia a dia. Afinal, pais e educadores precisam exercer inúmeras funções estando em casa, como trabalhar remotamente, cuidar do lar e ainda auxiliar na educação dos filhos.



Uma pesquisa realizada pelo Google revelou que 40% dos responsáveis dizem temer o contato com estranhos no ambiente *on-line*. Para garantir proteção, a psicopedagoga e especialista em Pesquisa & Desenvolvimento Educacional na plataforma Play-Kids (uma das líderes globais em conteúdos para famílias), Nathalia Pontes, afirma que alguns cuidados simples podem evitar muitos riscos, como a utilização de regras e filtros do que é disponibilizado em *sites* e aplicativos ou através de plataformas exclusivas, que selecionam, a partir de uma curadoria humana, os conteúdos disponíveis.

Para a especialista, é importante que a família acompanhe o acesso aos conteúdos na internet, pois é comum ver casos de crianças soltas na imensidão digital. De acordo com um estudo realizado pela Kaspersky, 52% dos pais não veem necessidade em regular a atividade *on-line* de seus filhos. “Neste aspecto, temos ainda uma linha tênue entre controle parental e a liberdade e privacidade das crianças e dos adolescentes. No entanto, o aumento preocupante de casos

de pedofilia, extorsão, *cyberbullying*, acesso a vídeos impróprios e até alguns tipos de jogos é motivo mais do que legítimo para resguardar os pequenos de ter acesso total à rede”, explica Nathalia.

Segundo ela, em muitos casos, os adultos enxergam a internet apenas como uma fonte de entretenimento e acabam não se atentando para os riscos iminentes que o ambiente digital apresenta. Para isso, inserir a educação digital na rotina dos filhos, desde cedo, preocupar-se com a sua própria educação nesse sentido e manter uma conversa aberta sobre o tema dentro de casa são tarefas fundamentais.

“Quando os pequenos sentem que estão em um ambiente acolhedor e seguro, fica mais fácil que eles mesmos criem discernimento e sintam confiança de contar para a família quando algo impróprio é apresentado”

país. Escutamos sempre que o tempo em que eles utilizam aparelhos digitais, o chamado tempo de tela, é o grande problema. Quando, na realidade, o foco deveria ser no conteúdo que é acessado através da tela”, pontua Nathalia.

O ponto chave é partir de uma conversa com orientações francas e objetivas com os filhos, de acordo com a idade. Assim, as crianças terão mais capacidade e autonomia para decidir o que é saudável assistir. “Quando os pequenos sentem que estão em um ambiente acolhedor e seguro, fica mais fácil que eles mesmos criem discernimento e sintam confiança de contar para a família quando algo impróprio é apresentado”, explica a especialista.

A psicopedagoga ressalta que bloquear o acesso pode ter o efeito contrário e ser um erro que aumente ainda mais o risco. “A geração de hoje já nasce inserida no universo digital, e a proibição é prejudicial em vários aspectos. A última pesquisa TIC Kids Online Brasil mostrou um número impressionante: **24,3 milhões de crianças e adolescentes acessam a internet com certa regularidade no**

Conteúdo educativo seguro e divertido

Para ajudar nesse processo de aprendizagem em casa, muitas empresas estão desenvolvendo opções. Uma delas é o National Geographic, que oferece uma plataforma digital gratuita e que conta com recursos divertidos, seguros e com grande valor educativo para crianças, jovens e suas famílias. O “Aprenda em casa” é uma proposta que tem o objetivo de inspirá-los, por meio de um conteúdo prático, educativo e divertido.

A iniciativa considera a necessidade de se achar na internet recursos informativos sobre o mundo natural e a ciência por trás dele, buscando contribuir para gerar curiosidade, atrair os estu-

dantes e inspirar o espírito de exploração em casa. Utilizando conteúdos para vencer o tédio, como jogos, vídeos e galeria de fotos. O projeto conta com [uma página exclusiva](#) apoiada por especialistas em diversas áreas, que asseguram que os conteúdos são confiáveis e apropriados para cada idade, além de contribuir positivamente para o aprendizado de toda a família.



Além disso, o canal oficial do National Geographic oferece valiosos vídeos que completam o conteúdo educativo digital. Para conferir, acesse a [playlist “Aprende em Casa”](#) no Youtube.

Além do National Geographic, o Instituto Alana também produziu uma série de vídeos para auxiliar famílias e adultos responsáveis a promoverem relações mais saudáveis entre as crianças e a tecnologia durante o período de isolamento social. Ao todo, são oito depoimentos de especialistas que

destacam conteúdos e reflexões que podem ajudar a garantir que os pequenos tenham relações mais éticas, saudáveis e criativas com as tecnologias.

Entre os temas abordados estão o equilíbrio entre as experiências digitais e atividades sem telas, os benefícios da tecnologia durante a quarentena, a qualidade de conteúdo e a publicidade infantil. Para conferir o material completo, acesse a [playlist “Infância e Tecnologia”](#) no canal Alana no Youtube.

Tão longe e tão perto!

Ensinar *on-line* para os pequenos é mais que realizar brincadeiras, é desenvolver habilidades para o futuro



Se os pais tiveram que se reinventar, os professores também não ficaram fora desse desafio. No Colégio Engler Abelhinha Feliz, localizado em Bauru/SP, o início do distanciamento também não foi uma tarefa fácil. Todavia, o amor e compromisso com a educação fez com que a equipe pedagógica criasse, ou melhor, adaptasse uma metodologia em que o olho no olho não se perdesse.

Para tanto, a escola que sempre priorizou o contato direto com as crianças, o pegar na mão, teve que alinhar essas duas pontas – o presencial e o digital – para alcançar um resultado de qualidade. De acordo com Margareth Donida, as famílias têm sido fundamentais para o sucesso desse pro-

cesso, relata a diretora lembrando que, até então, os recursos digitais não eram muito utilizados no colégio e, por conta disso, no começo tiveram um pouco de dificuldade para se adaptar a essa nova realidade.

“Mas como nosso objetivo sempre foi priorizar a qualidade na educação, com a ajuda dos responsáveis – que caminham junto conosco nessa empreitada, contando o que os alunos mais gostam, o que prende mais atenção e até mesmo acenando sobre os problemas tecnológicos que percebam do outro lado da telinha –, nós conseguimos aprimorar o planejamento semanal, bem como reformular os roteiros de aula quando se faz necessário”, destaca.



Professora Camilla e o fantoche Chico: contação de história para maternal 2

Pais professores e professores tutores

Ao explicar como funciona essa parceria entre escola e pais, a equipe pedagógica do Colégio Engler Abelhinha Feliz explica que desde o início do isolamento é enviado antecipadamente um roteiro de cada dia de aula da semana, onde consta, além do horário de cada atividade, a sua aplicabilidade, a fim de que os pais consigam implementá-la em casa. E caso algum responsável não obtenha sucesso, ele tem o recurso de assistir aquela aula ao vivo ou gravada.

Um ambiente acolhedor e facilitador para a aprendizagem

Para que a rotina seja assegurada, a direção da escola pede aos pais que incentivem as crianças a usarem o uniforme para assistir as aulas e que tenham um lugar reservado, longe de barulhos ou sons que lhe tirem a atenção. E esse compromisso tem feito a diferença, diz a diretora, lembrando que uma mãe pediu que a escola gravasse o toque sonoro habitual, para ela colocar na hora das aulas e as filhas entenderem que as atividades teriam início.

Garantir a atenção dessa garotada

Sabemos que prender a atenção dos menores não é tarefa fácil, e um dos principais recursos utilizados pela equipe pedagógica são o uso de atividades lúdicas. Um outro método foi diminuir o tempo de aulas ao vivo em relação ao que é empregado para os estudantes do Ensino Fundamental.

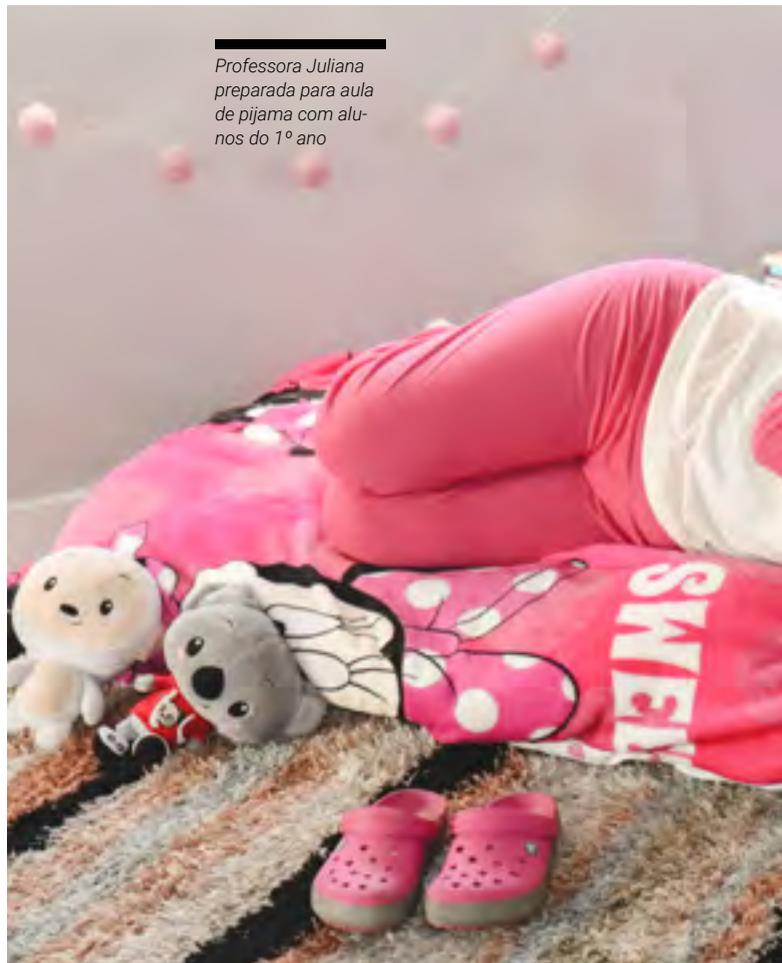
Segundo a escola, para os alunos do maternal (1 a 3 anos), o ensino *on-line* tem sido um constante desafio. “Até porque não é aconselhável que eles utilizem dispositivos eletrônicos. Então a oralidade, através das historinhas, tem auxiliado quanto à ludicidade e gerado *feedbacks*

incríveis de como estão prestando atenção ao que é narrado pelas professoras. Eles cantam junto as músicas, mostram sua casa, seus brinquedos, interagem com os docentes”, afirma a diretora Margareth.

Quebrando tabu

Pelo fato de muitos adultos ainda enxergarem a internet apenas como uma fonte de entretenimento, a escola tem realizado um trabalho de formiguinha junto aos familiares dos alunos, sobretudo aqueles que não querem expor as crianças aos meios digitais. “Essa resistência acaba as afastando de assistirem as aulas ao vivo e participarem do lindo trabalho que nossos professores estão realizando”, lamenta a equipe pedagógica, enfatizando que o tempo deles na internet é muito pequeno, porém muito proveitoso.

Mas, por outro lado, segundo a direção, é muito gratificante ver comentários dos pais que acompanham dizendo que a criança espera ansiosa pelo horário da aula ou até mesmo daqueles muito pequenos (já em torno de 1 ano de vida) que participam ativamente mesmo sem andar ou falar. “Eles ficam vidrados nas professoras quando estão apresentando um teatrinho ou cantando alguma música. O que os pais nos relatam também é que essas aulas têm sido muito positivas para organizar e manter a rotina das crianças nesse período em que ficam muito tempo sem sair de casa”, comemora a equipe pedagógica.



Professora Juliana preparada para aula de pijama com alunos do 1º ano

Infância x Tecnologia

Quando falamos da relação entre infância e tecnologia é preciso observar também os desafios, como a segurança da garotada no universo digital. Atentos a esse aspecto a direção da escola tem tido especial atenção com o uso da plataforma utilizada. Um desses filtros de segurança é a permissão restrita de acesso, na qual visualizar os conteúdos só pode ocorrer por meio de cadastro com a matrícula do aluno e autorização do pro-

fessor. Dessa maneira, explica a equipe de direção, garante-se que nenhuma pessoa de fora da turma entre na sala virtual.

Para quem iniciou com muitas perguntas e poucas respostas ao meio digital para os pequenos, a equipe Abelhinha Feliz avalia que o *feedback* dos alunos, através dos pais, tem sido maravilhoso. “A grande maioria dos responsáveis entende que é um meio novo para o qual ninguém estava preparado e que jamais imaginávamos viver, mas que não estamos poupando esforço e aprimoramento para levar o melhor para nossos alunos. E os pais estão sendo fundamentais para aperfeiçoarmos as aulas a cada semana. Temos recebido muitos elogios”, diz a diretora.



Professora Bruna, Jardim I: aula das vogais

Os desafios existem para serem vencidos

Ao perguntar sobre os principais obstáculos para os professores, a docente Bruna menciona que o mais importante é fazer com que os pais valorizem o trabalho desenvolvido pela equipe pedagógica e entendam que sempre haverá alunos que agem de uma forma na escola e de outra em casa, até mesmo pela mudança do ambiente.

Todavia, a professora garante que essa diferença comportamental não diz e nem define se são mais ou menos inteligentes. “Todos têm muito potencial e são capazes de realizar sozinhos tudo o que propomos (somente os de 1 e 2 anos precisam da participação dos responsáveis). Mas muitos pais não acreditam e algumas vezes interferem deixando as crianças inseguras e manhosas”, adverte.

De acordo com a direção, o segundo maior desafio é perceber que a escola é muito mais do que um lugar para deixar o filho e ir trabalhar. “Infelizmente temos lidado com alguns cancelamentos de matrículas nas turmas do infantil, talvez por pouca percepção dos responsáveis quanto à importância cognitiva do desenvolvimento infantil e às habilidades primordiais para a aprendizagem e desempenho escolar das crianças”, finaliza a professora Bruna.

Capacitando o educador

Sim, o professor foi jogado de paraquedas nesse mundo virtual e precisou mudar suas formas de ensino. Muitos não estavam preparados ou capacitados para isso. A EAD Appai sabe que a transformação digital não é uma tarefa simples e, por isso, preparou diversos cursos para auxiliar o educador durante esse período e, claro, capacitá-lo para ser um multiplicador entre alunos e colegas de trabalho.

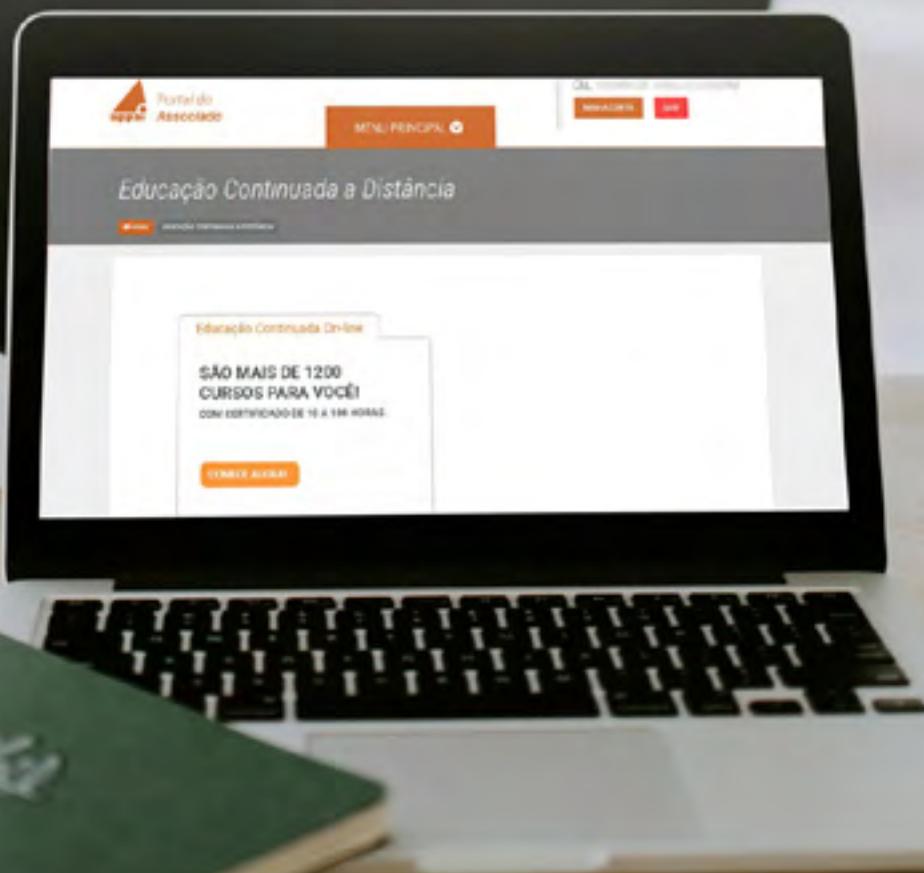
O “Curso de Cultura Digital na Sala de Aula”, ministrado por Marcio Gonçalves, é voltado para que professores dos ensinos Fundamental I, II e Médio possam promover práticas inovadoras na educação, para se tornarem facilitadores aplicando

a cultura digital na sala de aula. O curso oferece módulos voltados para comunicação na internet, redes sociais digitais, tecnologias colaborativas, entre outras coisas.

Além desse, a Appai também oferece o “Curso de Letramento Digital, Midiático e Informacional”. O educador pode aprender sobre a sociedade em rede, o que fazem os jovens na internet, práticas de criação de mídias na escola, ferramentas digitais para colocar a mão na massa, entre outros temas.

E que tal ver o sistema solar em 3D através de um aplicativo gratuito para celular? No curso “Ciências na prática: Foguetes e a Conquista do Sistema Solar”, o educador André Gonçalves Oliveira conta essas e outras formas de ensinar a disciplina de maneira leve e divertida! Ele também mostra como dar aulas visitando espaços virtuais, como um planetário, por exemplo.

Para mais informações sobre esses e outros cursos, acesse: associado.appai.org.br/ead.

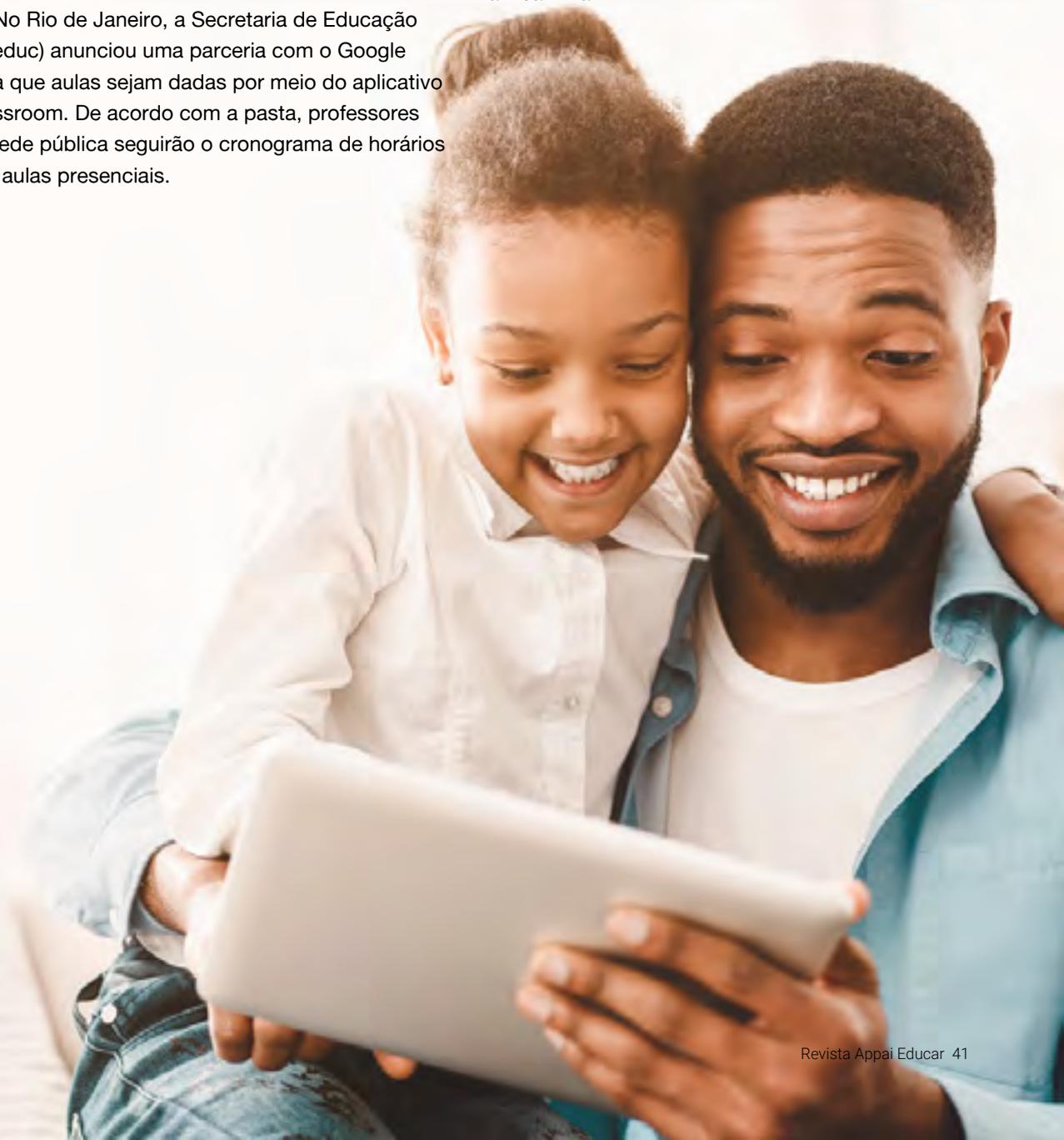


Seeduc e SME anunciam parceria com plataformas digitais

Redes estaduais, municipais e particulares em todo o Brasil suspenderam as aulas, deixando todo mundo em casa por mais tempo. Segundo dados do Censo Escolar, em 2018 havia 48,4 milhões de alunos matriculados na educação básica em todo o país. O total inclui estudantes das redes pública e particular na Educação Infantil e ensinos Fundamental e Médio. Muitas instituições e autoridades ligadas à educação têm procurado municiar as famílias com conteúdo pedagógico para ser aplicado em casa. O objetivo é minimizar o impacto da perda de aulas durante os meses de quarentena e dar continuidade ao currículo escolar.

No Rio de Janeiro, a Secretaria de Educação (Seeduc) anunciou uma parceria com o Google para que aulas sejam dadas por meio do aplicativo Classroom. De acordo com a pasta, professores da rede pública seguirão o cronograma de horários das aulas presenciais.

“Na educação infantil, o objetivo principal é manter o vínculo com as crianças e continuar servindo de referência para as famílias, especialmente em um momento tão delicado quanto o da quarentena”, conta a pedagoga e especialista em educação infantil Livia Aruth, acrescentando que “o cotidiano é o principal conteúdo na primeira infância e, neste momento específico, cabe à escola orientar as famílias, direcionando algumas atividades relacionadas às áreas de conhecimento de forma leve e atrativa, possíveis para os diversos contextos em que as famílias possam estar inseridas agora”, ratifica Livia.

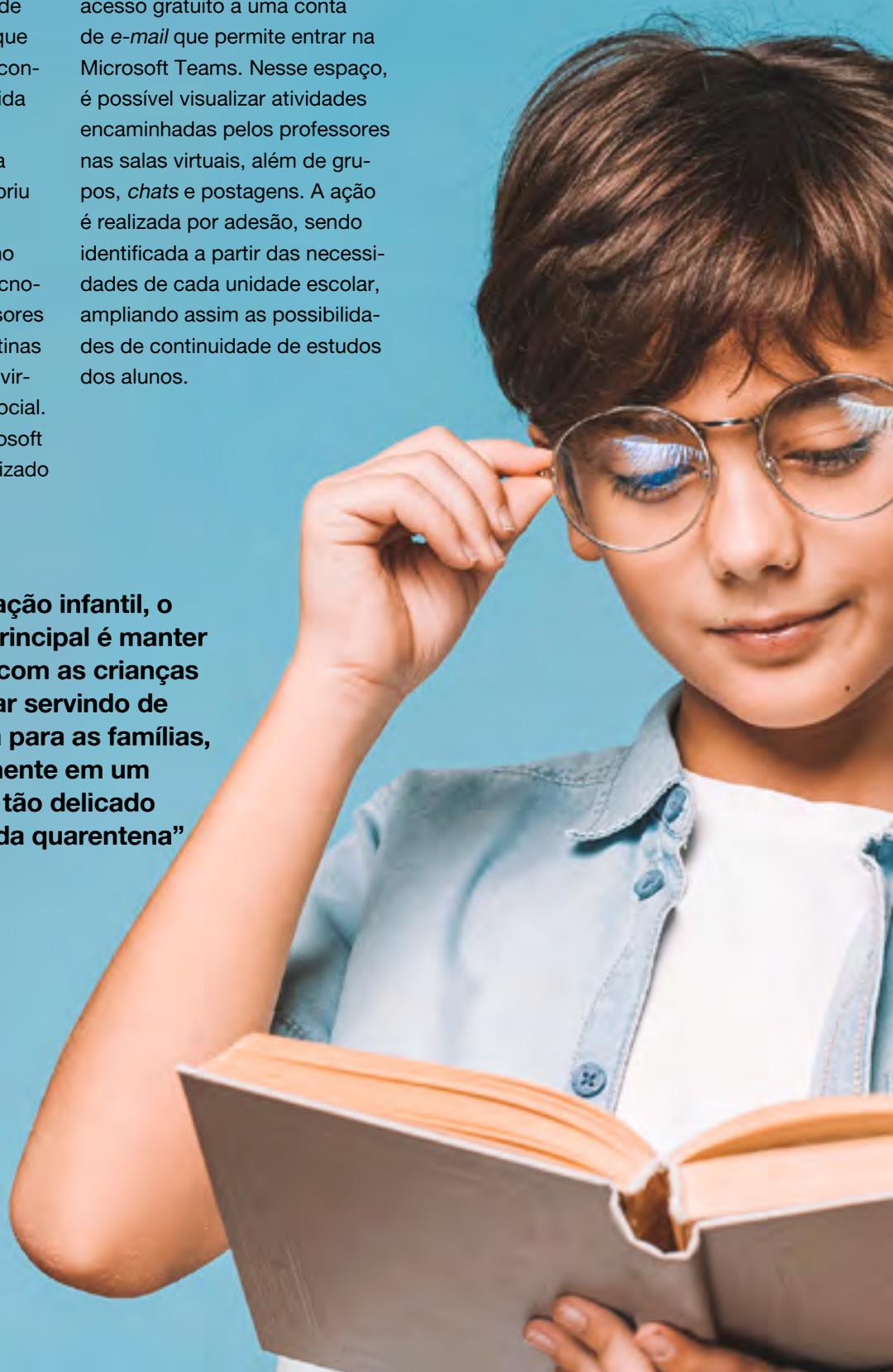


Alessandra Santos, mãe do aluno Caio Santos, que estuda no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, relata que a aula a distância na pandemia ajudará seu filho. “Na minha opinião, acho que nada é melhor que o formato presencial. Mas neste caso de isolamento social é melhor que seja em casa mesmo, caso contrário vai impactar muito a vida escolar dele”, opina.

Já no ensino municipal, a Prefeitura do Rio também abriu cadastro para que todos os estudantes da rede de ensino acessem uma ferramenta tecnológica que permite a professores e alunos adaptarem suas rotinas pedagógicas para o mundo virtual, durante o isolamento social. O acesso à plataforma Microsoft Teams, que já era disponibilizado

para professores e servidores da SME, foi estendido aos 640 mil integrantes da maior rede pública municipal de ensino da América Latina. Agora, os estudantes da Educação Infantil ao Ensino de Jovens e Adultos ganharam acesso gratuito a uma conta de *e-mail* que permite entrar na Microsoft Teams. Nesse espaço, é possível visualizar atividades encaminhadas pelos professores nas salas virtuais, além de grupos, *chats* e *postagens*. A ação é realizada por adesão, sendo identificada a partir das necessidades de cada unidade escolar, ampliando assim as possibilidades de continuidade de estudos dos alunos.

“Na educação infantil, o objetivo principal é manter o vínculo com as crianças e continuar servindo de referência para as famílias, especialmente em um momento tão delicado quanto o da quarentena”



SME disponibiliza vídeos literários e bate-papos com autores

Por intermédio da Secretaria Municipal de Educação (SME), a prefeitura do Rio de Janeiro lançou recentemente na internet vídeos literários para os alunos da Rede Municipal de Ensino, como forma de complementar os estudos. Os escritores Henrique Rodrigues, Kiusam Oliveira, Eliana Alves Cruz, Elisa Lucinda e a atriz Danielle Barros estão entre os protagonistas dos vídeos em dois bate-papos disponibilizados gratuitamente.

Também estarão disponíveis vídeos de professores e outros escritores que falarão sobre temas como: a importância da saúde pública em “Ludi na Revolta da Vacina: uma odisseia no Rio Antigo”;

a amizade e o respeito em “Os cacarecos do seu Maneco”; as diferenças entre as pessoas em “A menina que tinha o céu na boca”; a importância de se ter valores em “A nova roupa do imperador”; e por que devemos desenvolver a empatia em “O sumiço do macaquinho”.

A Sala de Leitura Virtual da SME promove mais cultura aos 650 mil estudantes que estão em isolamento social devido à pandemia do novo coronavírus (Covid-19). A partir do empenho de professores, escritores e outros parceiros, são publicados, semanalmente, vídeos com foco na promoção da leitura e da literatura para todos os segmentos, da Educação Infantil ao Ensino de

Jovens e Adultos. Desde o início da ação, a partir da suspensão das aulas tradicionais, o canal já recebeu mais de 16 mil visualizações e mais de 1.400 novos inscritos. Além de professores, já enviaram vídeos para o canal o imortal da Academia Brasileira de Letras Arnaldo Niskier, o escritor Pedro Bandeira e Ricardo Monteiro Lobato, bisneto do escritor Monteiro Lobato, entre outros participantes.

Para facilitar, o canal Sala de Leitura SME Carioca foi incluído no aplicativo SME Carioca2020, que já conta com mais de 3,96 milhões de acessos e tem permitido aos alunos da maior rede municipal de ensino da América Latina darem continuidade aos estudos em casa.

Você também pode ser um conteadista da sala de leitura SME

Os professores da Sala de Leitura ou outras disciplinas que tenham interesse em produzir conteúdo sobre leitura e literatura para o canal Sala de Leitura SME, especialmente enquanto durar a pandemia da Covid-19, podem entrar em contato com a Gerência de Educação da Coordenadoria Regional de Educação para verificar a possibilidade de publicação no canal.

E-mail para smeleitura@rioeduca.net.

■ *Antônia Lúcia, Jéssica Almeida e Richard Günter*

*Nathalia Pontes também é Mestranda em Psicologia da Educação pela PUC-SP, especialista em Gestão de Negócios e Inteligência de Mercado pela FIA/USP, psicopedagoga e escritora.

Fontes: Seeduc | SME | Prefeitura do Rio | Agência Brasil | Blog da Leiturinha | Nexo Jornal

Colégio Engler Abelhinha Feliz

Rua José Maurício de Almeida, 1
Novo Jardim Pagani – Bauru/SP
CEP: 17024-230

Tel.: (14) 3239-3175

Diretora: Margareth N. N. Donida

Site: www.colegioengler.com.br

E-mail: comunicacao@colegioengler.com.br

[Facebook.com/englercolegio](https://www.facebook.com/englercolegio)

Interdisciplinaridade / Tecnologia

COM O WHATSA MAIS FÁCIL



APP AGORA FICOU CRIAR PODCAST

Veja algumas possibilidades de produzir e compartilhar conteúdo pedagógico com *smartphone*

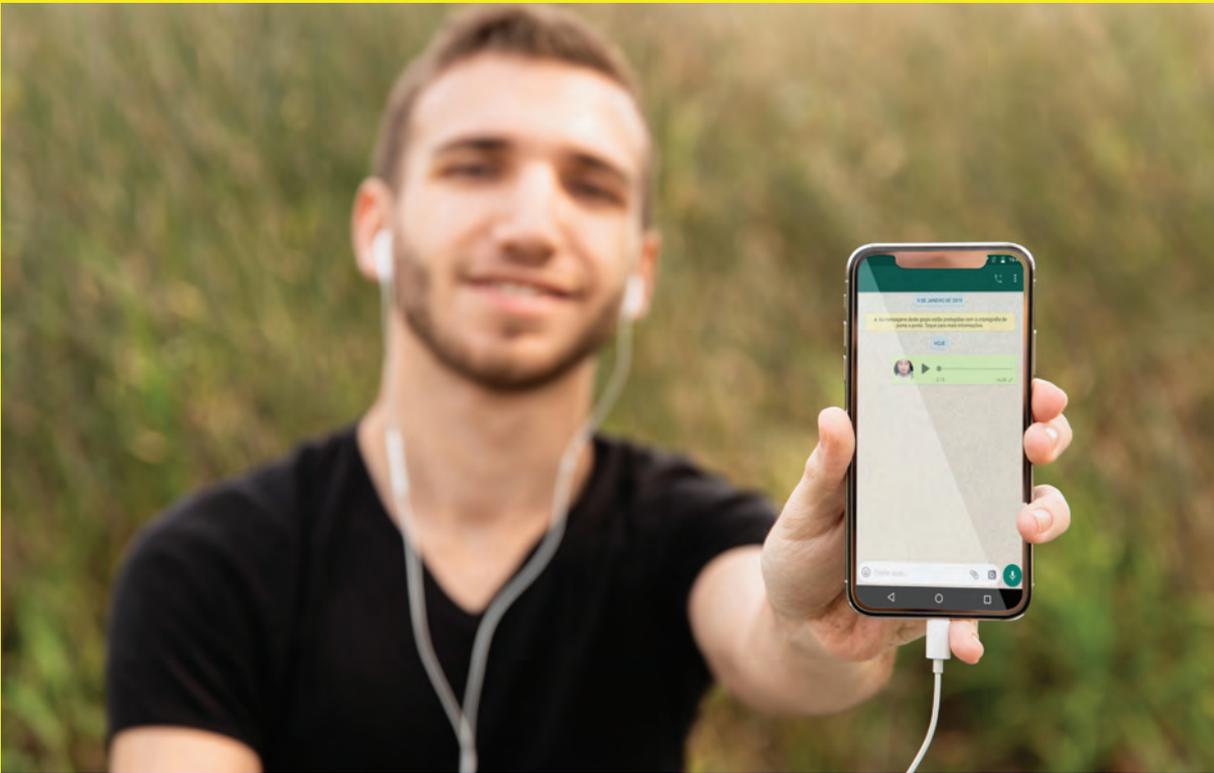
A popularização do acesso à tecnologia tem influenciado fortemente a vida do estudante. Aliás, mais que uma influência, é possível dizer que a utilização das tecnologias de informação e comunicação na educação promove uma real revolução no âmbito escolar, renovando formas de ensinar e de aprender.

No que diz respeito à Educação 4.0, um nicho educacional transformado pela tecnologia, já se tem claro entendimento de que não há mais espaço para aulas totalmente expositivas ou material didático e suportes puramente tradicionais. Isso tem feito com que professores se reinventem, adicionando novas ferramentas no ensino para uma educação mais participativa, dinâmica e independente. Uma dessas ferramentas é o *podcast*, conteúdo de mídia em áudio, semelhante a um programa de rádio, que pode abordar variedades ou temas específicos.

O maior benefício ao trabalhar com esse recurso na educação é a experiência que o aluno já possui com o *podcast*. Eles sabem como usar os serviços de *streaming* de áudio e estão o tempo todo conectados. Hoje a vida das pessoas é influenciada pelos memes, pelas redes sociais, pelo conteúdo dinâmico e de fácil acesso. Por isso faz sentido o uso desse recurso para lecionar, porque ele mobiliza afetos e faz parte da vida dos estudantes.

Além disso, o áudio é uma oportunidade de exercitar a fantasia, imaginação, criatividade, sem a necessidade de expor sua imagem. Para muitos alunos, isso faz toda a diferença e oferece ao professor uma ferramenta para incentivá-los a dar os primeiros passos em ações de autoconhecimento. Por meio da gravação e audição de conteúdo, o educador dá voz aos discentes, promovendo autonomia e enriquecendo a aprendizagem.

Para facilitar ainda mais esse processo, em tempos de isolamento social, onde diversos alunos estão realizando as aulas a distância, o WhatsApp tem se tornado a ferramenta mais acessível para se produzir áudios de qualidade e coletivamente, como visto na matéria [WhatsApp: você tem uma notificação educacional](#).



O professor Olavo Vitorino, que leciona para o Ensino Fundamental II de uma escola da rede privada de Natal/RN, teve a iniciativa de criar o *podcast* “Geografia em Rede”, em que esclarece dúvidas de seus alunos e traz complementos e curiosidades a partir do que foi discutido numa aula. “O áudio é muito didático, simples e direto. Por meio dele podemos fazer breves explicações e temos a rapidez de poder compartilhá-lo pelo WhatsApp”, ratifica o educador.

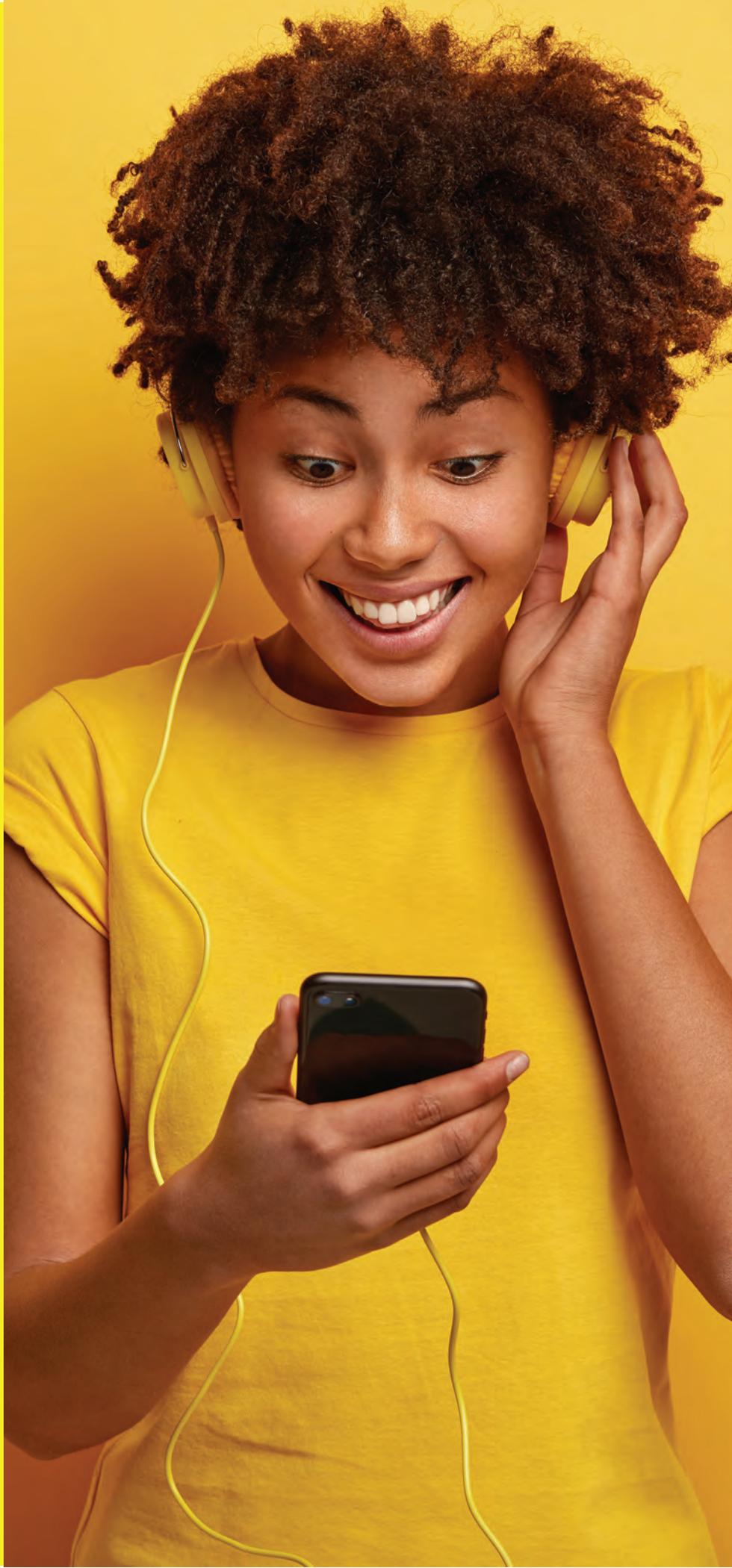
Para o alunado, fazer com as próprias mãos o *podcast* é uma oportunidade de promover produções autorais, e de experimentar outra linguagem. “Eles trabalham a articulação e a desinibição, também aprendem a expor uma ideia e argumentar, desenvolvendo o pensamento crítico”, esclarece Olavo. Para compartilhar os áudios no aplicativo, é preciso estar atento à duração do conteúdo, pois, ao produzir

podcast de até 5 minutos, eles também exercitam a capacidade de síntese e a objetividade.

Já em relação aos formatos, as opções são as mais variadas. De acordo com o professor é possível organizar um *podcast* narrativo de ficção, uma entrevista com alguém ou apenas uma apresentação de um tema feita pelo narrador. Em toda forma, é imprescindível prestar atenção aos elementos do gênero: a formalidade/informalidade do apresentador, as modulações na voz, os efeitos sonoros, a música de fundo e assim por diante. “O professor também pode sugerir um tema ou fazer uma pergunta, e cada um dos alunos tem que responder ou abordar por um viés. Depois, ele compartilha seu trecho no grupo e o docente pode compilar todos em um único áudio, com esse material ficando disponível para os estudantes estudarem a matéria”, preconiza Olavo.



O maior benefício ao trabalhar com esse recurso na educação é a experiência que os alunos já possuem com o *podcast*. Eles sabem como usar os serviços de *streaming* de áudio e estão o tempo todo conectados.



CONFIRA **7** PASSOS PARA VOCÊ PRODUZIR **PODCAST** COM SEUS ALUNOS PELO WHATSAPP

- 1) Para iniciar, **escolha um tema para seu podcast**. Explore o currículo e escolha um ponto para que os alunos desenvolvam a temática. É importante delimitar o objetivo para que eles não se desvirtuem tentando abordar assuntos diferentes. Isso fará com que o produto final não fique confuso e/ou cansativo.
- 2) Depois, **defina quem participará do podcast**. Trabalhe pequenos grupos para que eles desenvolvam a atividade coletivamente e de forma criativa. Deixe que os próprios alunos escolham os responsáveis por cada parte pesquisada e a metodologia a ser seguida, como entrevistas, narração etc.
- 3) Agora chegou a vez de **criar o roteiro para tratar do tema**. Antes de dar o pontapé inicial à gravação, explique aos estudantes que eles devem escrever o que vão gravar e colocar em ordem os assuntos. Isso ajudará na organização do pensamento e evitará os esquecimentos repentinos, que acontecem mesmo com quem sabe se expressar muito bem.
- 4) Outra parte importante é **o ensaio para a gravação**. Ainda que a inquietação seja evidente, reforce a necessidade de ensaiar previamente. Assim, os estudantes perceberão possíveis problemas que podem ser retificados no roteiro, além de conseguirem estimar o tempo que o conteúdo terá.
- 5) Enfim, a vez da fase de produção deve ser iniciada. Peça para que **a gravação seja feita em um ambiente silencioso**.

6) Já na fase de pós-produção, **edite os áudios**, utilizando este momento para polir o conteúdo retirando o que não ficou bom ou regravando o que for necessário. Existem aplicativos disponíveis gratuitamente para o celular e computador ou até mesmo os recursos do próprio *smartphone*. Após finalizado, peça que cada aluno envie seu arquivo de áudio.

7) E para encerrar a atividade, o papel do professor será fundamental nessa fase: sendo o supervisor de todo o conteúdo. É você quem fica com a missão de unir todos os áudios em um único arquivo e **publicar o podcast** no grupo da turma em que você leciona. Pronto, agora você tem um novo *podcast* riquíssimo em conteúdo educacional que vai ajudar a sua turma a aprender de forma tecnológica e autoral.



LEIA TAMBÉM:

Saiba com qual software você pode gravar podcast gratuitamente

■ *Por Richard Günter*

Fontes: Sebrae | Nova Escola | MEC



WHATSAPP: V NOTIFICAÇÃO

Saiba como utilizar o aplicativo para realizar atividades pedagógicas de forma objetiva

Nesse momento histórico da humanidade em que convivemos com a obrigação de nos isolarmos socialmente por conta da pandemia, as escolas continuam na ativa através de EAD. Contudo, cada unidade escolar tem adotado métodos diferentes conforme a realidade de sua região. A partir de relatos de diversos professores, separamos algumas dicas para você promover debates pelo WhatsApp com o auxílio de outras plataformas gratuitas.

Afinal, entre os aplicativos mais utilizados pelo usuário que possui um *smartphone*, está o WhatsApp, pois ele sem dúvida vence nos quesitos que dizem respeito a agilidade, dinâmica de conversação e principalmente acessibilidade. Muito questionado sobre sua utilização indevida em sala de aula, atualmente ele tem se tornado um grande aliado.

VOCÊ TEM UMA EDUCACIONAL



A própria experiência de empregar o aplicativo de maneira orientada é uma prática pedagógica que perpassa a cultura digital. Esse tipo de aprendizagem é citado como um dos domínios na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quando esclarece que “essa competência reconhece o papel fundamental da tecnologia e estabelece que o estudante deve dominar o universo digital, sendo capaz de fazer um uso qualificado e ético das diversas ferramentas existentes”, diz um trecho do documento.

Hoje em dia quase todo estudante possui este *app* instalado em seu celular. Mas quando pensamos em utilizá-lo com o propósito educacional nos deparamos com um grande desafio, pois a partir dele se torna algo mais complexo promover discussões engajadas. Isso porque, nos grupos, muitas pessoas falam ao mesmo tempo e as mensagens podem se perder, gerar ambiguidades, assim ficando mais difícil acompanhar quem disse o quê.

Por isso, o professor deve estar atento para administrar bem o grupo educacional e estabelecer em primeiro lugar um horário em que as atividades deverão ocorrer.

Depois, ao realizar debates ou propor que os estudantes realizem uma atividade em conjunto, a melhor alternativa é organizá-los em grupos de até 8 pessoas. Dessa forma será possível coordenar uma discussão menos atribulada. É imprescindível que seja solicitado a um dos integrantes que fique responsável por digitalizar num arquivo tipo *word* todas as informações discutidas para compartilhar com o professor.

Vale ressaltar que mensagens muito longas podem ser difíceis de enviar no WhatsApp. Uma alternativa é propor que os integrantes do grupo digitem textos em um arquivo separado e, de-

pois, o anexem na conversa para compartilhá-lo com os demais alunos, sempre sob a supervisão do educador.

Ser direto é fundamental em grupos. Por isso, apresente uma tarefa clara e com um pedido objetivo, enuncie um tópico e peça que os alunos respondam em poucas linhas de texto, evitando assim as mensagens muito longas e o excesso de notificações, que podem gerar desconforto e incomodação.

Mas lembre-se, de acordo com as regras do Ministério da Educação (MEC), o professor não pode criar um grupo sem autorização da escola e da família. E é preciso se certificar de que todos os alunos terão acesso ao conteúdo. Jamais responda somente aos estudantes que são mais participativos. E não mande mensagens para os alunos fora do grupo.

"Ser direto é fundamental em grupos. Por isso, apresente uma tarefa clara e com um pedido objetivo"

Olho no olho

Uma forma de conseguir se aproximar do seu aluno como na sala de aula pode ser através de vídeo. Atualmente, no WhatsApp é possível fazer conferências visuais com até 8 pessoas ao mesmo tempo. Esse pode se tornar um momento de se poder tirar as dúvidas mais cruciais que surgirem dos alunos.

Foto por Andrea Piacquadio via Pexels

Pressione para gravar

Através de áudio, estimule seus alunos a desenvolver uma resposta para uma questão enunciada. Esse processo de refletir utilizando este recurso vai aprimorar a aprendizagem, pois coloca o estudante numa zona de raciocínio rápido. É o mesmo método da avaliação oral, porém a distância.

Utilize outras plataformas para aprimorar o uso do Whatsapp

No Google Drive, plataforma gratuita vinculada ao Gmail, o professor pode organizar pastas com temáticas e lançar textos em pdf, *word*, imagens em jpg e vídeos para serem consultados. Além disso, permite que os alunos editem um documento ao mesmo tempo. É possível inclusive criar uma forma de avaliação do tipo formulário ou questionário em que o estudante responde as questões e o professor recebe as respostas em seu *e-mail*. Para que fique sempre ao alcance dos seus alunos, aproveite para colocar o *link* do *drive* na descrição do grupo.

Bom *home-office*!

Se você já está lecionando pelo WhatsApp ou ainda vai colocar em prática, envie um *e-mail* para redacao@appai.org.br relatando sua experiência. Queremos saber como você lida com essa adversidade. Aguardamos seu contato.

■ Por Richard Günter

Fontes: MEC | BNCC | Seeduc | Colégio Anchieta | Nova Escola



PROFESSORA VIRA FENÔMENO COM VIDEOAULA

Com recursos simples, criatividade e muita paixão por ensinar

Um número cada vez maior de professores está trocando o papel e a caneta pela tecnologia do celular para realizar suas aulas *on-line*. Esse efeito crescente de videoaulas sendo instauradas, sobretudo em função desse momento de isolamento social, parece ter vindo para ficar.

Mesmo com toda dificuldade, seja no planejamento, na elaboração do roteiro das aulas, na composição do espaço e na administração do tempo, para se exercer o trabalho *home office*, os educadores têm inovado em suas habilidades e competências.

É o caso da professora de Educação Infantil Aline Oliveira, da escola Municipal Professora Vicentina Gomes Ribeiro Ávila, no município de Datas, em MG, que recentemente também se transformou em um grande sucesso nas mídias sociais.

Preocupada em não perder o elo e nem o ritmo do ensino dos seus alunos de 3 a 5 anos, a tia Aline, como eles a chamam, começou a pensar numa forma de levar os conteúdos não apenas de maneira atrativa, mas sobretudo que gerasse conhecimento para os pequenos em fase de alfabetização.



Através dos meios virtuais a professora encontrou um caminho para que o elo com seus pequenos não fosse prejudicado ou enfraquecido

A inspiração para criar a página “Professora Aline no Facebook”, na qual divulga os vídeos e as atividades, nasceu a partir de ver a sua filha assistindo um canal infantil. “Então pensei: por que não criar um espaço em que eu possa contar as histórias, interagir com os pais e os pequenos e ainda repassar as atividades?”.

Apaixonada pela educação, pela magia do conhecimento e pelo encanto de dividir histórias, risos e alegrias, Aline encontrou no virtual o caminho para que o elo entre ela e seus pequenos não fosse prejudicado ou enfraquecido.

Para estimular a oralidade nessa faixa etária, uma vez que a comunicação lúdica é essencial nesse processo, Aline contou com o total apoio dos pais. Então o primeiro passo foi criar um grupo de Whatsapp entre os responsáveis para que estimulassem os pequenos a interagir com as atividades propostas.

E como até então as aulas virtuais eram mais comuns para os alunos maiores, as realizadas para um público infantil precisariam ganhar uma roupagem mais lúdica, mais animada, explica Aline.

“E foi aí que comecei a personalizar os vídeos, colocar músicas e criar cada vez mais interatividade, até porque eu desenvolvo meu trabalho com base na afetividade, sinto que o laço que envolve e une o professor e o aluno é mágico”, frisa.

Para organizar e planejar as aulas, os vídeos e todos os conteúdos a serem disponibilizados nas mídias sociais, Aline conta com a ajuda da filha Ana Gabriely e do marido Nilson, que auxiliam não somente na gravação, como também nas edições e preparação do cenário. A docente faz questão de frisar que todo o material que utiliza é basicamente o que já tem em casa e já usava nas aulas presenciais, como, por exemplo, o Senhor Alfabeto.

Ao ser perguntada sobre a questão satisfação versus trabalho, Aline relata que o carinho recebido dos pais, alunos e amigos só a fortalece e dá energia para continuar. “Eu sinto que estou no caminho certo”, garante a professora que hoje já alcançou milhares de educadores, pais e outras crianças, compartilhando o aprendizado de forma alegre e divertida. “Assistam os vídeos e espero que gostem!”, finaliza feliz.

Conheça algumas dicas para a criação de videoaulas de qualidade

Ter um conhecimento básico na produção de vídeos é essencial para a criação de videoaulas otimizadas. Mas, caso você não domine essa área, o **EAD da Appai** tem um curso básico gratuito para você.

- 1 - Planeje e teste o conteúdo
- 2 - Divida-o em tópicos
- 3 - Defina seu público-alvo (alunos, séries, relevância etc.)
- 4 - Use uma linguagem adequada a esse público
- 5 - Trilha sonora, mesmo que simples, sempre faz a diferença na produção
- 6 - Não exagere nos efeitos. Só use em caso de necessidade
- 7 - O tempo é primordial, entre 1 e 3 minutos é o suficiente. Segundo pesquisas, o vídeo curto retém a atenção de cerca de 70% do público, enquanto o longo, de apenas 50%.
- 8 - Seja objetivo
- 9 - Prime pela qualidade
- 10 - E, por último, esteja atento à ordem da narrativa

■ *Por Antônia Lúcia*

Escola Municipal Professora Vicentina Gomes Ribeiro Ávila

Rua Padre Afonso L. de Sousa – Datas/MG

CEP: 39130-000

Tel.: (38) 3535-1001

Endereço facebook: <https://www.facebook.com/profesoaraalineeducacaoinfantil/>

BAÚ DAS MEM



MEMÓRIAS



Projeto leva alunos da Educação Infantil a conhecer grandes nomes das artes

Seja criança, jovem ou adulto, todos nós temos memórias, de um tempo distante ou recente, guardadinhas em um lugar especial. Esse sentimento secreto pode estar contido em um diário ou em algumas folhas, guardanapos, *drives*, CDs, celulares ou simplesmente em nossas memórias afetivas.

Para falar um pouco desse túnel do tempo, as professoras Jaqueline Evangelista e Ana Paula Cabral, com o apoio de toda a equipe pedagógica da Creche Emei Tiago Prado Santos, em Mesquita, desenvolveram entre as turmas do Infantil o projeto *Baú de Memórias*.



Projeto almeja ampliar a oralidade, a linguagem visual e o conhecimento dos pequenos

Abrindo o baú da cultura

O objetivo era abrir esse lugar mágico das artes musicais, da literatura, da pintura, através das brincadeiras, e resgatar todas essas incríveis histórias a fim de enriquecer ainda mais o projeto. Para tanto, as professoras Márcia Silva e Larissa Romana apresentaram as obras de Vinícius de Moraes e Claude Monet às turmas infantis, com faixa etária entre 3 e 4 anos, ampliando às crianças as possibilidades de conhecimento do mundo.

Um dos eixos trabalhados nas turmas entre os pequenos foi o desenvolvimento da oralidade.

Todos nós temos memórias, de um tempo distante ou recente, guardadinhas em um lugar especial.

Por já saberem se expressar, as possibilidades de aprendizagens nessa habilidade ganharam o contorno de aprimoramento das capacidades comunicativas.

Buscando essa perspectiva, as professoras exploraram o universo literário e das artes de Vinícius e Monet, dando ênfase à memorização de poesias, parlendas, desenhos, brincadeiras com apelo motor e de raciocínio lógico, músicas e obras variadas, sem falar nas muitas rodas de conversa.

Mais comunicação oral, mais conhecimento

De acordo com a equipe pedagógica, as exposições orais também foram um excelente motivador para que as crianças aperfeiçoassem essa comunicação oral sempre utilizando o lúdico como pano de fundo.

E nesse baú das artes, a criatividade teve seu toque especial na ampliação do vocabulário e na retenção da atenção dos pequenos. É o que explica a professora Jaqueline: “Todas as telas de Claude Monet foram construídas pelas crianças que se dedicaram e se apaixonaram pelos lindos jardins do artista”.

Ao falar sobre os poemas de Vinícius de Moraes, a professora Ana Paula se derrete ao explicar que toda a narrativa foi realizada com intuito

de despertar as crianças para esse encantamento literário. “De forma lúdica e interativa realizamos a construção da metamorfose da borboleta e com uma árvore representamos o voo de nossos alunos, revela a professora Ana Paula.

De acordo com a diretora Marcia Silva, nesse universo de memórias, um personagem não poderia ficar de fora: a família. “A nossa culminância teve a participação da comunidade e responsáveis que interagiram com as obras e se encantaram não somente com o projeto, mas sobretudo com o resultado demonstrado pelas crianças”.



Além de observar cada elemento figurativo usado durante o projeto, os alunos mostraram que também já sabem dividir conhecimentos



Na arte de brincar, novas descobertas são feitas e repassadas aos pais

Escola e família em prol do amanhã

Um desses lindos momentos foi protagonizado pelo pequeno Davi, de 3 anos, ao segurar na mão da mãe e dizer: “Mamãe, vem conhecer a casa rosa do Monet”, fascinante! Mas não parou por aí. Ao ser questionada por qual motivo o artista parou de pintar, a pequena Fernanda já tinha a resposta na ponta da língua. “Ele ficou com dodói no olho (catarata)”, disse a pequena no início dos seus 3 anos.

Uma outra mãe, superorgulhosa ao ver o seu pupilo declamar como gente grande: “O meu filho recitou o poema de Vinícius de Moraes e eu me emocionei por ele e pelo lindo trabalho da escola”, revela a responsável da Gizele.

Ao falar sobre o resultado do projeto, a diretora Marcia Silva fez questão de frisar o quanto as atividades deram oportunidades às crianças de

se encantarem pela leitura, pelo conhecimento, pela escola, por seus professores e, sobretudo, por poder dividir saberes com suas famílias. “Fiquei encantada em ver como elas compreenderam o projeto e se interessaram em apresentar aos seus pais as obras de Vinícius e Monet. Esse retorno de conhecimento que transforma vidas é arrebatador,” finalizou a diretora.

■ Por *Antônia Lúcia*

Creche Emei Tiago Prado Santos

Rua Cosmorama, s/nº – Cosmorama – Mesquita/RJ

CEP: 26582-020

Tel.: 2697-4612

Diretora: Marcia Silva

ROLOU NA WEB



Já perguntamos em nosso *site* e redes sociais, mas também queremos saber por aqui. De que forma você, professor, e sua escola estão fazendo para ensinar seus alunos durante esse período? Novas práticas e ferramentas surgiram no meio do caminho? Mandar seu relato para nossa equipe através do *e-mail* redacao@appai.org.br ou das redes sociais, postando uma foto ou um vídeo, e usando a *hashtag* #souappai. Alguns professores já enviaram seus relatos. Confira!

Voz do professor

“Nesse período, tenho utilizado o grupo dos responsáveis que criei no Whatsapp para me comunicar, também, com os alunos. Enviar fotos de atividades, *links* de vídeos do Youtube ou de atividades que tenho criado no Microsoft Forms. Tenho plena consciência de que nem sempre os responsáveis possuem créditos em seus celulares para baixar ou acessar os conteúdos, mas fico feliz em dizer que eles têm se esforçado ao máximo para que seus filhos não fiquem sem fazer as atividades postadas, mesmo que o façam com atraso” - **Ingrid Lira**, professora do 5º ano do Ensino Fundamental no município do Rio de Janeiro, via *e-mail*.

AS REDES SOCIAIS + CONECTADAS NA EDUCAÇÃO

@APPAIRJ    

EXPE
DIEN
TE

Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalista Editora
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Assistentes de Editorial
Jéssica Almeida e Richard Günter

Designer e Assistente Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Yasmin Gundim

Revisão
Sandro Gomes

Colaboração
Sandra Martins

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



Elisângela Medeiros
(@eliscritora)
Via Instagram

“Contadores de histórias de todo o Brasil, inclusive eu, estão realizando transmissões ao vivo no Instagram com a finalidade de entreter, informar e incentivar a leitura de livros para crianças. As professoras do Instituto de Educação Rangel Pestana autorizaram seus alunos a assistir as *lives* e utilizarem para compor a carga horária de Estágio Cultural em Casa. Usando a tecnologia a favor, os alunos assistem as *lives*, enviam um comentário com o nome e turma, printam a tela e realizam relatórios das histórias. Estou realizando o Festival de Histórias contando histórias sozinha, com meus filhos ou convidados. Por aqui já rolou até histórias em inglês e em libras. Convido professores e contadores de histórias de todo o Brasil para participar!” ❤️